

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE FILOSOFIA**

**GABRIEL CRUZ**

**WITTGENSTEIN: OS OBJETOS SIMPLES DO *TRACTATUS LOGICO-  
PHILOSOPHICUS* SOB A ÓTICA DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS***

**CHAPECÓ  
2023**

**GABRIEL CRUZ**

**WITTGENSTEIN: OS OBJETOS SIMPLES DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* SOB A ÓTICA DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Newton Marques Peron

**CHAPECÓ**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Cruz, Gabriel

Wittgenstein: os objetos simples do Tractatus Logico-Philosophicus sob a ótica das Investigações Filosóficas / Gabriel Cruz. -- 2023.  
53 f.:il.

Orientador: Doutor Newton Marques Peron

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2023.

1. Wittgenstein. 2. Objetos simples. 3. Nomes logicamente próprios. 4. Atomismo lógico. I. Peron, Newton Marques, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**GABRIEL CRUZ**

**WITTGENSTEIN: OS OBJETOS SIMPLES DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* SOB A ÓPTICA DAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado em Filosofia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **NEWTON MARQUES PERON**  
Data: 18/12/2023 17:17:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. – UFFS**  
**Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **BRUNO RAMOS MENDONÇA**  
Data: 19/12/2023 23:14:11-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. – UFFS**  
**Avaliador**

Documento assinado digitalmente  
 **Jerzy Andre Brzozowski**  
Data: 20/12/2023 08:41:32-0300  
CPF: \*\*\*.516.469-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Prof. – UFFS**  
**Avaliador**

*Efetivamente, a maioria dos erros consiste apenas em que não aplicamos corretamente os nomes às coisas. [...] Se não fosse isso, não julgaríamos que se enganam, do mesmo modo que não acreditei que se enganava aquele que ouvi, não há muito tempo, gritar que seu pátio tinha voado para a galinha do vizinho, pois seu pensamento parecia-me suficientemente claro. É daí que nascem a maioria das discussões, isto é, porque os homens não exprimem corretamente seu pensamento ou porque interpretam mal o pensamento de outrem. Pois, na realidade, enquanto, com ardor, se contradizem, pensam a mesma coisa, ou então pensam coisas diferentes, de tal modo que os erros e absurdos que julgam existir em outrem, não existem.*

*(Espinosa, EII, escólio da prop. XLVII, p. 166)*

## Agradecimentos

Compreendo os agradecimentos como um momento de lembrar quem esteve presente durante a escrita desta pesquisa. Ao longo destes quatro anos e meio, muitas pessoas me acompanharam, deixando suas marcas, sendo elas boas ou ruins. De todo modo, agradeço a cada um que acreditou e confiou em mim.

Em primeiro lugar, agradeço minha família, minha mãe Carmen, minha irmã Jennifer, meus tios Guilherme e Filipe e minhas tias Saionara e Marli. Ao meu avô, Seu Jovêncio, que sempre demonstrou muita bondade e humildade - e carisma -, não poupando esforços em ajudar a qualquer um, dentro de suas possibilidades.

Agradeço também pela presença de minha namorada, Viviane, que com sua beleza e carinho, acompanhou de perto a escrita deste trabalho, me encorajando, ajudando, corrigindo os erros e confiando nos acertos.

Este trabalho não seria possível sem a ajuda do Prof. Dr. Newton M. Peron, que sempre realizou muito bem seu ofício como professor, nos incentivando, ajudando, ensinando, dialogando e possibilitando que a pesquisa em filosofia fosse mais acessível e esclarecedora. Além de meu orientador, há todos os professores que tive a honra de me acompanharem em meu trajeto e que ajudaram em meu aperfeiçoamento, assim como também o farei com outro/a aluno/a enquanto professor de Filosofia.

Acredito que alguns encontros nos inspiram, de diversas maneiras, e é inevitável que algumas amizades se encontrem, como diz Montaigne em *Da Amizade*: "[...] para vencer neste mundo, seguir o mesmo caminho, andar com passo igual, inevitável se torna que se choquem amiúde. Mais ainda: é a correspondência dos gostos que engendra essas verdadeiras e perfeitas amizades". Assim, agradeço minhas amizades atuais, Afonso, Ariel, Adriana, Gabriel A, Giuliana F, Isadora Noal, Isabela, Lucas Soares, Milena S, Miriane, Mateus B, Priscila M, Ruhan e Raíssa.

Por fim, agradeço às lutas populares por conquistarem uma universidade gratuita que, tentando democratizar cada vez mais o ensino superior, possibilitaram que eu pudesse ter uma formação de qualidade, com tempo para pesquisa e extensão. Assim, espero que muitas outras pessoas possam vir depois de mim.

## RESUMO

Uma das grandes questões que envolvem o *Tractatus Logico-Philosophicus* é aquela que explica a ligação da lógica de nossa linguagem com os objetos do mundo por ela nomeados. Observamos aqui as considerações de Wittgenstein sobre este tópico que, devido à sua grande relevância dentro da ontologia do *Tractatus*, sustenta a concepção de que a linguagem é provida de uma única lógica implícita em sua estrutura. Neste primeiro momento, observar esta estrutura e entender a relação nome-nomeado através da concepção de objetos simples, figuração e estados de coisas é claro para compreender a ligação denotativa entre linguagem e mundo. Entretanto, nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein abandona este projeto, negando que há uma única essência que direcione uma análise de linguagem que a desmembre até um último átomo. Aqui, sua investigação sobre a linguagem ganha amplitude, afirmando ser ela não um único sistema lógico, mas uma infinidade de práticas e modos de vida; não no significado de um nome como sendo o objeto que o corresponde, mas no significado como uso, uso que consiste na realização de um jogo que funciona na prática de seguir certas regras. Desse modo, a pesquisa em questão volta-se para o abandono da concepção de objetos simples defendida no *Tractatus*, sobrepondo suas novas considerações sobre o tema em sua segunda fase, mais especificamente no que se trata dos nomes logicamente próprios e da concepção agostiniana da linguagem.

**Palavras-chave:** Objetos Simples; Nomes Logicamente Próprios; Wittgenstein.

## ABSTRACT

One of the biggest questions that involve the *Tractatus Logico-Philosophicus* is the one about the explanation of the link between the logics of our language with the objects of the world nominated by it. Here, we observe Wittgenstein's considerations about this topic that, because of its great relevance inside the ontology of the *Tractatus*, sustains the conception that the language is provided by one single logic implicit in its structure. In this first moment, observing this structure and understanding the relation name-nominated through the conception of simple objects, figuration and state of things is enlightening to comprehend the denotative link between language and world. Nevertheless, within the *Philosophical Investigations*, Wittgenstein abandons this project, in a sort of denial that there is a single essence that directs a language analysis that dismembers it until one last atom. Here, his investigation about the language takes amplitude, when it affirms that the language isn't one single logical system, but, on the contrary, an infinity of practices and ways of life; not in the meaning of a name being the object that corresponds to it, but in the sense of an use, an use that consists in the realization of a game that works in the practice of following certain rules. This way, the research in question revolves around the misuse of the conception of simple objects defended in *Tractatus*, superimposing his new considerations about the theme in its second phase, more specifically in what concerns the logically proper names and the agostinian understandment of language.

**Keywords:** simple objects; logically proper names; Wittgenstein

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>2. O Atomismo Lógico e o <i>Tractatus</i> de Wittgenstein.....</b>	<b>14</b>
2.1 Wittgenstein e as críticas à filosofia da lógica de Russell.....	18
2.2 O mundo e a distinção entre fato e coisa.....	20
2.3 A teoria pictórica da proposição.....	23
2.4 A metafísica do atomismo lógico.....	27
<b>3. O Abandono do atomismo lógico nas <i>Investigações Filosóficas</i> de Wittgenstein.....</b>	<b>31</b>
3.1 A concepção agostiniana da linguagem.....	34
3.2 Críticas ao atomismo lógico nas <i>Investigações Filosóficas</i> .....	41
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>47</b>
<b>5. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre o uso dos nomes na linguagem é retratada por boa parte dos filósofos que se debruçaram sobre o tema. Não poderia ser diferente no caso de Wittgenstein, com seu modo muito peculiar de filosofar, o autor nos mostra diferentes imagens das problemáticas envolvidas. A nervura central aqui é a sobreposição de sua segunda obra sob a primeira, como solicitado pelo próprio autor no prefácio das *Investigações Filosóficas*. Assim, investiguemos mais especificamente do que se trata a relação entre nome e objeto, o que é a filosofia do atomismo lógico presente no *Tractatus Logico-Philosophicus*, como se constrói sua ontologia sobre a linguagem e o mundo, e, mais adiante, as objeções quanto à esta teoria que perpassa a primeira parte de sua segunda obra, aqui, sobre a concepção agostiniana de linguagem, sobre os jogos de linguagem, os nomes logicamente próprios e a crítica sobre a busca pelo “simples”, que em algum momento de sua trajetória o autor defendera.

Primeiramente, há a preocupação em entender e dialogar com a grande área de pesquisa que abrange a filosofia da linguagem de Wittgenstein. Para tal discernimento, serão utilizados alguns livros como ferramentas, sobretudo para a compreensão do campo geral que é a filosofia analítica da linguagem, sendo são eles: *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões* de Rudolf Haller, *An Introduction to Philosophy of Language* de Michael Morris, dois dicionários de filosofia para a precisão de conceitos, o *Dicionário de Lógica* de Leonidas Hegenberg e a *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos* de João Branquinho. Também para a compreensão da lógica tratada em todo o processo com o *Introdução à Lógica* de Cezar Augusto Mortari. Dentro da primeira obra a ser investigada, não tão-somente como introdução ao tema mas como referência direta para a compreensão do atomismo lógico do *Tractatus*, será usado, como texto inicial, o *Nociones de Atomismo Lógico: Wittgenstein y Russell* de Hector Martínez Sanz, artigo que diz respeito às principais diferenças entre as duas concepções de átomo lógico dos dois autores.

Após isso, ao se tratar propriamente da leitura do *Tractatus*, seu projeto ontológico será exposto e desmembrado para categorizar as suas partes e compreendê-las, não como argumentos justapostos sem direção, mas como um todo que se integra e se combina, formando uma teia de argumentos que explique as relações entre linguagem e mundo. Para isso, será usado o livro *Wittgenstein*, de Anthony Kenny, que expõe o início de Wittgenstein no campo filosófico, o desenvolvimento do *Tractatus* e seu período de transição para as *Investigações*, reconstruindo sua trajetória filosófica. Os capítulos 4, 5 e 6 (*La teoría pictórica de la proposición*, *La metafísica del atomismo lógico* e *El dismantelamiento del atomismo lógico*, respectivamente) serão os mais usados para adentrar no labirinto do *Tractatus*. Outro

importante livro nesta pesquisa será o livro de H. O. Mounce, chamado *O Tractatus de Wittgenstein: Uma Introdução*, que traçará uma linha entre os principais pontos que constituem o tema central da obra, sendo o primeiro e segundo capítulo de maior relevância para a compreensão da ontologia tractariana. O auxílio do livro *Uma Investigação Sobre Wittgenstein* do casal Hintikka também guiará as duas obras aqui abordadas. E, para uma explanação geral da obra, serão usadas as duas edições de bolso de *Wittgenstein* de Grayling e *Wittgenstein & o Tractatus* de Edgar Marques. Outros artigos e ensaios serão usados, como *Wittgenstein: A Superação do Atomismo Lógico* de Jorge H. L. Moreira e *A Presença de Russell no Pensamento de Wittgenstein* de Alejandro T. Bassols (In: *Tractatus 100: Revisando a Obra de Wittgenstein*) e *A Vida e a Obra de Ludwig Wittgenstein* (In: *Wittgenstein em Retrospectiva*) de Darlei Dall’agnol. E, claro, o próprio *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein como leitura basilar.

Ao se tratar das *Investigações Filosóficas*, os comentadores principais serão o do livro *Wittgenstein: Understanding and Meaning* de Backer & Hacker com o auxílio do já citado livro de Grayling. Em um primeiro momento, a preocupação será sobre o desmantelamento da concepção de átomo lógico que o autor anteriormente defendia. Para isso, o capítulo três da mesma obra de Grayling intitulado *A Filosofia do Segundo Wittgenstein* será útil, assim como o capítulo 6 de Kenny (*El Desmantelamiento del Atomismo Lógico*) e o livro de Michael Morris, o *An Introduction to Philosophy of Language*, onde, no capítulo 15, o autor se volta para a concepção agostiniana da linguagem (*On the Agostinian Conception*) e a crítica da linguagem do *Tractatus*. Temos também capítulos do livro dos Hintikka’s que, se voltando para algumas interpretações de G. H. von Wright, formulam suas próprias. Os capítulos usados serão os que se voltam ao período transicional e para as *Investigações Filosóficas*. Aqui, há também a concepção de nomes logicamente próprios e a crítica ao atomismo lógico presente nas *Investigações*. Quanto à leitura própria das *Investigações*, entende-se as principais objeções ao primeiro Wittgenstein da seção §28 até a §50 e, para o apanhado geral desta crítica, será estudado da seção inicial §1 até a §64.

A importância da relação entre nomes (signos linguísticos) e objetos (referência/significado) acompanha a filosofia da linguagem desde seu início. Platão, no *Teeteto*, afirma que os constituintes últimos da realidade só podem ser designados por nomes, não sendo possível explicá-los pela linguagem. John Locke em seu *Ensaio Acerca do Entendimento Humano* afirma que nomes são sinais sensíveis, geram ideias e a elas se referem; já Gottlob Frege em seu artigo intitulado *Sobre o Sentido e a Referência* defende que um nome (*Zeichen*) tem sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*); alguns anos depois Bertrand

Russell, em 1905, apresenta em um ensaio a sua teoria das descrições, chamado de *On Denoting*. É dentro desta linha que o filósofo aqui estudado está inserido, e dentro da mesma fez transformações de grande destaque. Ademais, sabemos que as questões concernentes à linguagem fazem parte do estudo dos filósofos e não tão-somente de gramáticos, psicólogos, antropólogos e linguistas. Porém aqui, com a análise filosófica, vem à tona uma abordagem estritamente investigativa, metafísica e ontológica desta área. Em suma, o repertório da filosofia ocidental é de grande relevância para diversas outras ciências que se voltam para o estudo deste fenômeno humano e, desse modo, é notável a importância do projeto wittgensteiniano para o desenvolvimento e justificativa destas investigações, especialmente nos debates filosóficos.

Ao adentrar nas teorias que versam sobre o significado e a referência podemos reconhecer o peso teórico que as duas grandes obras de Wittgenstein exercem sobre a semântica filosófica. De um lado, há o *Tractatus*, que demarca uma grande inovação dentro dos círculos filosóficos que investigavam as relações entre linguagem e mundo (particularmente no positivismo lógico). De outro, há as *Investigações*, trazendo novos horizontes para a pragmática e para a compreensão dos diversos fenômenos da comunicação e de diferentes tipos de linguagens. Nesse sentido, as duas obras se complementam como um corpo teórico que se volta para a lógica e para a prática de nossa linguagem, por vezes discordando entre si e, por vezes, evidenciando a continuidade do projeto. Não será propriamente o foco desta pesquisa as especificidades das rupturas e continuidades dentro da transição de um primeiro Wittgenstein para um segundo, mas sim uma investigação da ontologia tractariana e suas reverberações anos depois, nas *Investigações*. Sobrepor as duas obras traz à tona as particularidades de sua mudança de postura quanto à concepção de uma relação direta e denotativa entre nome e objeto, como constituintes últimos, para uma linguagem fisicalista e pragmática.

Há uma grande importância em investigar o atomismo lógico, que, sendo consenso entre os pesquisadores de Wittgenstein, pertence à linha russelliana que vemos nas conferências, em 1918, de *A filosofia do Atomismo Lógico*. O tema carrega a importância devido ao seu peso conceitual dentro da ontologia do *Tractatus*, onde o autor o usa para constituir um paradigma de como toda a linguagem humana funciona, sendo aqui evidenciada sua pretensão metafísica e ontológica para pensar a linguagem. Faz-se necessária a investigação do conceito de átomo lógico tanto para compreender os nuances que definem a tendência russelliana da teoria de nomes e descrições definidas, quanto para compreender o ponto crucial da estrutura ontológica do mundo tractariano. Acima de tudo, buscaremos

entender o modo como Wittgenstein nega a forma tractariana de enxergar a linguagem como uma explicação não completa dela, sendo uma concepção que afirma algo simples. Na tentativa de reconstruir o caminho argumentativo de Wittgenstein, a problematização e investigação de uma filosofia que considera que há átomos linguísticos, indivisíveis e primordiais requer também uma investigação da metafísica wittgensteiniana. Contudo, aqui, há uma grande importância neste processo, ou seja, em como se dá a construção do edifício metafísico tractariano e, posteriormente, como ele é visto pela ótica das *Investigações*

Em sua segunda obra, suas ponderações quanto ao projeto tractariano continuam no desenrolar do livro, utilizando de exemplos vivos do cotidiano, e, em certo sentido, se distancia de uma tentativa ontológica de explicar, com uma teoria universal e unitária, como a linguagem fala sobre o mundo, como se funde com ele. Aqui, os atos de fala e o contexto de uso são instrumentos mais palpáveis, analíticos e coerentes para lidar com o movimento da linguagem.

Compreender as duas obras também é entender a concepção de filosofia do autor, pois aqui, a filosofia é vista mais como uma atitude ou atividade do que costumemente vemos dentro dos livros de história da filosofia ocidental. No *Tractatus*, em 4.112, vemos:

O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos.

A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações.

O resultado da filosofia não são “proposições filosóficas”, mas é tomar proposições claras.

Cumpra à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 167)

Não sendo a filosofia um campo estrito de teorias e sim de atividade, seu exercício se faz por meio da linguagem para tornar claro os pensamentos, o esclarecimento lógico dos pensamentos. Já nas *Investigações*, a filosofia é tudo o que vem antes das descobertas (§126 [...] Pode-se chamar também de "filosofia" o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 57)). Também “A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 57) E “o trabalho do filósofo é um acumular recordações para uma finalidade determinada.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 57). A filosofia aqui tem a tarefa de descrever, de esclarecer a linguagem, vemos no §109 a totalidade desta ideia:

E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Não deve haver nada de hipotético nas nossas considerações. Toda explicação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é

já há muito tempo conhecido. A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 54).

Desta forma, pelos meios de nossa linguagem, a filosofia esforça-se para tornar claro o pensamento e nos afastar dos erros, erros que constantemente se fazem presentes em nossa linguagem.

O estudo aqui presente visa o aprofundamento na filosofia de Ludwig Wittgenstein, na conceitualização dos estudos base das duas obras supracitadas. Sobrepor sua segunda obra sob a primeira vai além do solicitado pelo próprio autor, também nos auxilia a entender um momento de grandes transformações da filosofia da linguagem. Do giro linguístico ao giro pragmático, a relevância do tema está implícito dentro da história da filosofia analítica e na contextualização do movimento filosófico que, até hoje, em um mundo globalizado, informacional e reconhecido pelos choques de diferentes verdades, apresenta diversas problemáticas do uso da linguagem em nosso cotidiano. Ver a ótica das *Investigações* consiste, primeiramente, em compreender a filosofia inicial do autor vienense. Vejamos, nos capítulos que se seguem, o desenrolar da problemática dos objetos simples de seu período inicial à concepção pragmática de seu período final.

## 2. O ATOMISMO LÓGICO NO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS*

O senhor Wittgenstein sustenta que tudo que seja propriamente filosófico se inclui entre o que só pode ser mostrado, o que há de comum num fato e em sua figuração lógica. Dessa concepção resulta que nada de correto pode ser dito em filosofia. Toda proposição filosófica é má gramática, e o que de melhor podemos esperar de uma discussão filosófica é levar as pessoas a perceberem que a discussão filosófica é um equívoco. “O objeto da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 110)

Assim escreve Bertrand Russell na introdução do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein, publicado em 1921. Russell aponta uma das questões centrais do autor, isto é, o que pode ser mostrado está no espaço lógico que a filosofia consegue trabalhar e esclarecer através de seus conceitos, e o que não está no espaço lógico e não pode ser mostrado pertence ao *místico*. Se toda proposição filosófica é má gramática, cabe retornar a algo mais basilar, e outras questões surgem. Por exemplo: como é que, por meio da lógica de nossa linguagem, podemos expressar nossos pensamentos acerca da realidade sem produzirmos pseudo proposições ou cairmos em contrassensos? Ou então, o que é que pode ser dito? Russell, em seguida, cita uma passagem de Wittgenstein, na qual enfatiza o papel da filosofia como esclarecedora de pensamentos, e não como comumente foi encarada: um saber investigativo e revelador, caminho pelo qual nos aproximamos do verdadeiro ou do *ser* verdadeiro. Ou até -

mais metafisicamente - como um sistema de conhecimento que busca as causas e princípios primeiros dos entes a serem investigados.

O capítulo em questão visa compreender a noção de átomo lógico presente na primeira obra de Wittgenstein. Compreender esta noção é identificar a forma que o mundo é para que possamos falar sobre ele. Se ele se apresenta em fatos, a linguagem se voltará para estes fatos. Para tal compreensão faz-se necessário a exploração da ontologia tractariana que se encontra na primeira parte do livro, onde o autor busca demonstrar como a linguagem se conecta com o mundo. Para isto, as considerações sobre a estrutura do mundo, do caso, do estado de coisas, da figuração lógica da linguagem, e, por fim, dos objetos simples (que dá nome ao atomismo lógico), terão o foco nesta primeira parte, dado que são os conceitos fundamentais da base ontológica do *Tractatus* e carregam relevância para a teoria central desta obra.

Por si só o *Tractatus* é um livro denso e enigmático, com uma estrutura lógica elencada por números em casas decimais; cada qual representa um encadeamento de argumentação, por exemplo: 3.332 segue-se de 3.331, e 3.331 segue-se de 3.33 e assim por diante. Quanto às proposições principais, são aquelas de números inteiros (1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7), sendo elas: 1. O mundo é tudo que é o caso; 2. O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas; 3. A figuração lógica dos fatos é o pensamento; 4. O pensamento é a proposição com sentido; 5. A proposição é uma função de verdade das proposições elementares. (A proposição elementar é uma função de si mesma); 6. A forma geral da função de verdade é  $[p, \xi, N(\xi)]$ . Isso é a forma geral da proposição; 7. Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar. Ademais, vejamos a sequência que perpassa toda a nervura da obra. A direção quanto à argumentação por trás da proposição 1 mostra que ela se dirige à estrutura ontológica do mundo; a proposição 2 visa explicar o caso e sua disposição com os objetos; a 3 busca as condições para a figuração do mundo; a 4 a forma geral de um pensamento com sentido; 5 a determinação das proposições lógicas; 6 a forma geral da função de verdade; e 7 uma proposição de cunho moral que nos faz duvidar da segurança de nossas concepções filosóficas e morais.

O livro em questão se opõe ao logicismo, ou seja, rejeita que os axiomas da aritmética sejam dedutíveis dos axiomas da lógica. Assim, embora a sua nervura seja essencialmente lógica, a sua desenvoltura para com ela é outra, pois o *Tractatus* constrói uma ontologia e uma teoria da linguagem engessadas na ideia de átomo (MOREIRA, 2010, p. 90) para melhor compreender a relação entre lógica, linguagem e mundo. A compreensão geral da obra requer

persistência do leitor, pois, tendo em vista que há nela uma linguagem estritamente Lógica, necessitam-se também conhecimentos básicos desta área. Há questões que permeiam a obra, como, por exemplo, a natureza da proposição significativa ou propriamente a tentativa de abranger uma explicação suficiente para a relação entre a linguagem e o mundo; assim, a partir do ponto que entendermos estas questões e como Wittgenstein buscava uma resposta, como diz Edgar Marques (2005, p.10), poderemos encontrar o fio de Ariadne que nos levará pelo labirinto de proposições que compõem a obra. O autor busca, além de tudo, continuar o trabalho de seus antecessores, sobretudo na resolução de alguns paradoxos de Russell e no debate entre linguagem e mundo de Frege, influenciando grandemente o que veio a se chamar de positivismo lógico, corrente filosófica formulada por alguns pensadores do círculo de Viena, entre eles Carnap e Schlick.

Dentro da história da filosofia, algumas das grandes áreas de pensamento disputaram seus lugares centrais nos debates, o que deu curso a suas investigações em determinados períodos que sucederam o movimento filosófico. Elas acabam por serem divididas por alguns autores em três paradigmas (DALL'AGNOL, 2012, p. 14): na antiguidade clássica identifica-se a ontologia como base para o conhecimento possível do mundo fenomênico e suprassensível; na modernidade o foco passa a ser a epistemologia, a possibilidade de um sujeito cognoscente sintetizar seus conhecimentos empíricos a partir de suas faculdades mentais e do uso de sua razão, sendo aqui o grande foco sem dúvida em Kant; e, por fim, na contemporaneidade o foco deu-se na lógica de nossa linguagem, pois, por meio dela, formulamos descrições, juízos, construímos argumentativamente convicções sobre o mundo, em suma, fazemos filosofia.

Para Dall'Agnol (2012, p. 15), podemos identificar em Wittgenstein um mesmo tipo de pretensão crítica-filosófica que Kant havia adotado, isto é, para podermos falar metafisicamente, temos que primeiro investigar se a metafísica é possível como ciência, reduzindo-a aos signos conhecidos para que a razão humana possa ter um acesso claro. Para isso, Kant focou na questão do conhecimento humano, colocando o homem como o ponto central de sua investigação. Ademais, para o filósofo alemão seu criticismo possuía juízos sintéticos *a priori*, como em outras ciências naturais. Já Wittgenstein não aceita os juízos sintéticos *a priori* no âmbito de seu projeto (DALL'AGNOL, 2012, p.16), pois, diferente das outras ciências, a pretensão da filosofia é meramente analítica e explanatória; como dito, ela procura tornar as proposições claras: “cumpre à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos” (*TLP 4.112*). Na esteira de

Kant, considera-se assim a filosofia como uma investigação analítico-crítica, pois busca investigar até onde o conhecimento consegue alcançar a sua verdade apodítica, se pode ser possível e confiável. Assim, coloca-se no centro do debate a dúvida dos preceitos aceitos pela comunidade filosófica. A diferença é que dentro do projeto de Wittgenstein se enfatiza o uso de nossa linguagem, pois “toda filosofia é crítica da linguagem” (*TLP 4.0031*). Já a crítica de Kant busca os limites da razão e do falar metafisicamente, como uma questão epistemológica.

Ao analisar o uso das palavras e sua significatividade em filosofia, Wittgenstein reconhece que até o momento a filosofia apenas havia produzido contrassensos, e o dever agora era investigar os limites do dizível, do que pode ser falado ou não. Mas, para Wittgenstein, no que consiste contrassensos? Em seu artigo *Wittgenstein: a superação do atomismo lógico* Jorge H. Moreira afirma:

Quando Wittgenstein fala de contra-sensos ele visa principalmente a metafísica, que é a área da filosofia que pretende teorizar sobre a essência da realidade projetada em um plano que extrapola o âmbito do meramente físico e organiza um quadro conceitual que abrange formulações de caráter ético, estético, lógico e o conhecimento do místico. Mas no que consiste mesmo um contra senso? Para Wittgenstein, um contra-senso é uma tentativa de dizer algo sobre o qual não se pode dizer, uma vez que se trata justamente daquilo que condiciona o que pode ser dito. É a tentativa de falar daquilo que está fora dos limites do mundo, ou ainda, daquilo que está fora dos limites da linguagem, daquilo que não cabe numa teoria. (MOREIRA, 2010, p. 90.)

De que forma a história da filosofia ocidental nos mostra os contrassensos produzidos? Estão eles presentes desde a antiguidade: na metafísica de Aristóteles, nos escritos de Platão, posteriormente no racionalismo de Espinosa, na *Ética* de Kant e em outros trabalhos que, na tentativa de explicar alguma teoria ou tese, se assentou a argumentações em planos que extrapolam a linguagem, como conceder a um ser a manifestação do universo (Espinosa), ou falar dos seres e das coisas em termos de potências (*dynamis* aristotélica). Na tentativa de combater estes preceitos filosóficos que encheram a filosofia de debates infundáveis, o *Tractatus* propõe um modo de resolvê-los em poucas páginas de proposições lógicas, o que mostra um pouco da ousadia e confiança do autor em pretender dar cabo de uma grande tradição de discussão filosófica em apenas um pequeno livro, o que gerou grande desconfiança no período de sua publicação.

O reconhecimento dos contrassensos em filosofia, por um lado, aponta que toda a metafísica está assentada sobre um terreno extra-sensível, e, por outro, evidencia uma tentativa de ultrapassar a linguagem, de dar um passo maior que a perna. Entretanto, o objetivo do *Tractatus* não é reformulá-la, nem tampouco eliminá-la do que é aceito como

filosofia, mas sim investigar até que ponto podemos falar sobre o mundo e encontrar aquilo que pode ser dito, e, conseqüentemente, os limites para o pensar serão delimitados. Aqui se concentra o objetivo, ou seja, descobrir até onde podemos fazer o uso significativo da linguagem. Talvez este seja o principal ponto que o distingue de Kant, pois, ao invés de traçar os limites da razão, traçam-se os limites da linguagem; ao invés de traçar os limites do que pode ser conhecido, traçam-se os limites do que pode ser dito ou pensado, como um “passo anterior” de toda intenção filosófica.

Ademais, o capítulo em questão busca compreender a noção de atomismo lógico e, conseqüentemente, a aspiração de todo o *Tractatus* de Wittgenstein, visto que o ponto acerca do atomismo é algo essencial para abarcar toda a estrutura da obra. Para isso, faz-se necessário entender as críticas que Wittgenstein elabora para desvincular-se de Frege e Russell.

## 2.1 Wittgenstein e as críticas à filosofia da lógica de Russell

Antes de tudo, vejamos um pouco sobre o que incitou Wittgenstein a escrever o *Tractatus*, o terreno pelo qual germinaram as primeiras ideias para construir sua teoria crítica da linguagem.

Até seus catorze anos, o jovem Wittgenstein recebeu educação em sua casa. Tendo em vista que pertencia a uma família rica austríaca, havia professores que o visitavam para ensiná-lo. Alguns anos depois, iniciou seus estudos em engenharia aeronáutica na universidade de Berlin. Nessa ordem de acontecimentos, e inspirado pela nova perspectiva realista de filosofia (deixando de lado suas leituras idealistas do *Mundo como vontade e representação* de Schopenhauer), Wittgenstein, em 1911, visitou Gottlob Frege em Jena, que o aconselhou a estudar com Bertrand Russell em Cambridge. Ali, o filósofo obteve contato com os princípios da lógica e da matemática, especialmente quando leu *Principia Mathematica* de Russell e Alfred N. Whitehead, conhecendo ainda mais a perspectiva realista da matemática provinda de Frege. Quando estourou a guerra, em 1914, Wittgenstein se voluntariou na artilharia austríaca. Durante suas atividades em meio à guerra, o autor escrevia seus pensamentos em blocos de notas que deram origem ao *Tractatus*, sendo publicado somente em 1921 com uma introdução de Russell e levando uma dedicatória na capa para seu amigo que morreu durante o conflito que iniciou em 1914.

Após estas considerações introdutórias, podemos reconhecer que a maneira mais rápida de desvincular a linha wittgensteiniana das linhas de Frege e Russell é reconhecendo que, para Wittgenstein, não há a possibilidade de se fazer uma filosofia da lógica, uma vez que ela deve cuidar de si mesma (*TLP 5.473*) e ela é produto de si mesma. Vejamos, quanto à análise da linguagem e sua relação com o mundo, Russell recorre mais frequentemente aos dados do sentido (*sense data*) para pensar sua filosofia, caminhando para uma espécie de epistemologia quanto à significatividade das proposições, buscando, assim, a semântica. Já Wittgenstein está preocupado com o conhecimento estritamente lógico, sintático, pensando no que consiste a significatividade sintática da linguagem lógica com o mundo que a mesma tenta afigurar. Além disso, quanto à discordância com Russell, o que fica mais explicitado na leitura do *Tractatus* é a sua não aceitação da Teoria dos Tipos, pois Russell é citado diretamente na proposição 3.331: “partindo dessa observação, inspecionamos a *Theory of Types* de Russell: o erro de Russell revela-se no fato de ter precisado falar do significado dos sinais ao estabelecer as regras notacionais.”. Esta proposição está ligada a sua anterior (*TLP 3.33*), na qual Wittgenstein enfatiza o papel que a sintaxe lógica tem em buscar especialmente a *descrição* das expressões, e não o seu significado, dado que isto já seria papel da semântica. Mas do que se trata a teoria dos tipos de Russell? Segundo o dicionário de lógica de Leonidas Hegenberg, “a teoria dos tipos consiste em formar uma espécie de hierarquia, em que o nível 1 é o nível dos indivíduos; o 2, o das classes dos indivíduos; o 3, das classes das classes de indivíduos; e assim por diante” (HEGENBERG, 1995, p. 209). Assim, dentro do sistema formal de Russell, se adiciona novas fórmulas para gerar a hierarquia dos tipos, isto é, para cada variável de tipo  $n$ , adiciona-se uma nova classe de tipo  $n+1$ . Russell formulou esta teoria em resposta ao paradoxo que se origina dentro da teoria dos conjuntos, paradoxo esse que passou a ser popularmente conhecido como paradoxo do barbeiro (o conjunto formado por todo  $x$  tal que  $x$  não pertence a  $x$ )<sup>1</sup>. A teoria dos tipos foi formulada para evitar o paradoxo. A solução consiste em garantir que quando  $x$  pertence a  $y$ , mantemos  $x$  em um nível inferior a  $y$  (HEGENBERG, 1995, p. 209).

Seguindo na esteira das proposições que surgem de 3.33, olhemos para a proposição 3.333, na qual Wittgenstein finda sua crítica à teoria dos tipos. Nela, afirma que uma função não pode ser, ela mesma, seu próprio argumento, visto que “o sinal da função já contém o

---

<sup>1</sup> Podemos pensá-lo do seguinte modo: há uma pequena cidade do interior que existe nela apenas uma única barbearia, ou um único barbeiro. Dito isto, quem precisa fazer a barba só terá duas maneiras de fazê-la, isto é, ou barbeando-se ou indo ao barbeiro. E o barbeiro, obviamente, deve barbear apenas aqueles que não se barbeiam. Porém surge a questão: quem barbeia o barbeiro? Se o barbeiro barbeia a si mesmo, logo ele não deve barbear-se. Se ele não barbeia a si mesmo, logo ele deve barbear-se.

protótipo de seu argumento” (*TLP* 3.333). Segundo o exemplo do próprio autor, podemos imaginar uma dada função  $F(fx)$  como sendo seu próprio argumento, e, assim, segundo a teoria dos tipos, deveria haver uma função externa  $F(F(fx))$  com significado diferente da primeira. Porém, para o autor do *Tractatus*, o que estas duas funções têm em comum é apenas a letra  $F$ , que estando sozinha não significa nada (*TLP* 3.333). Sendo assim, o que a forma lógica desta função têm é a possibilidade dos seus arranjos, fruto da manipulação de símbolos, que, diferente do que a hierarquia dos tipos tenta dizer, mostra de imediato os símbolos.

O abandono das principais ideias defendidas no *Mathematical Logic as Based on the Theory of Types* se deu alguns anos antes da escrita do *Tractatus*, nas anotações de Wittgenstein. O tom crítico e os desacordos de Wittgenstein sempre se manteve presentes, como o caso muito conhecido de quando, enquanto aluno de Russell, Wittgenstein entrou em uma discussão com seu professor sobre ser logicamente possível ou não um rinoceronte na sala de aula. Assim, alguns aspectos de sua vida nos levam a pensar a sua tendência de ser autêntico e facilmente poder discordar das fortes tendências da época, na qual marcaram sua distância e originalidade dentro do projeto filosófico que tanto estudou. O abandono da Teoria dos Tipos e da Filosofia do Atomismo Lógico consiste em alguns desacordos, segundo Anthony Kenny:

A crítica de Wittgenstein se volta contra três alvos: (i) o aparato extralógico que se adiciona ao sistema formal; por exemplo, a teoria dos tipos; (ii) o método axiomático, que oculta o fato de que algumas proposições são mais primitivas que outras, coisa que ao invés disso mostra o método das tabelas de verdade; (iii) o uso de constantes lógicas - os conectivos proposicionais, os quantificadores, o signo de identidade - como símbolos primitivos indefinidos. (KENNY, 1995, p. 55).

O item (i) já foi observado nos parágrafos anteriores acerca da teoria dos tipos. Já o item (ii) refere-se ao abandono do método axiomático aderido por Russel em seu *Principia Mathematica*, que ignora as proposições primitivas tão relevantes para a aplicação das tabelas de verdade. Por fim, o item (iii) se dirige ao desacordo com a linguagem formal desenvolvida pelo filósofo inglês também no *Principia Mathematica*. Dito isto, podemos pensar no que Wittgenstein nos oferece como nova perspectiva, fruto dos desacordos com Russell. Para isso, devemos examinar a ontologia que circunda a primeira parte do *Tractatus*, a ontologia da estrutura do mundo, sua teoria da figuração, da natureza das proposições elementares e atômicas.

## 2.2 O mundo e a distinção entre fato e coisa

Wittgenstein inicia o *Tractatus* definindo ontologicamente o que é o mundo, o que são os fatos, os estados de coisas e os objetos simples. É possível iniciar a leitura da obra por outras proposições, deixando assim a ontologia da descrição do mundo para outro momento. Porém, iremos abordar aqui sua linha original, do início. O que se afirma na primeira parte é uma preparação para se assumir a teoria figurativa da realidade, caracterizando o modo que o mundo deve ser para que, dado seu modelo semântico, proposições significativas sejam formuladas e bem compreendidas (MARQUES, 2005, p.31). As primeiras proposições do *Tractatus* são:

“1. O mundo é tudo o que é o caso.  
1.1 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 129).

Quanto a esta última proposição, 1.1, o autor distingue fatos de coisas afirmando ser o mundo a totalidade dos fatos. Mas o que são as coisas? Em 2 e 2.01 fica mais claro:

“2. O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.  
2.01 O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas).” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 129)

Nestas quatro primeiras proposições devemos ter em mente que o mundo, conforme a proposição 1, é tudo o que é o caso, e o caso é a existência dos fatos; que no mundo se dá os estados de coisas, pois a estrutura do fato consiste nas estruturas dos estados de coisas (*TLP* 2.034). As coisas estão no mundo, dispostas em suas maneiras independentemente da vontade humana e de suas proposições lógicas, podendo elas estarem dispostas de uma outra maneira, o que a forma lógica prevê conforme as configurações dos próprios objetos que se conectam entre si, em algum estado de coisas. As disposições dos objetos na realidade é que formam o fato, sendo ele como um certo emaranhado de ligações de objetos que existem, essencialmente, fazendo parte de sua relação com outros objetos. Isto também se dá com os nomes por eles designados, pois, como afirma Edgar Marques (2005, p. 32), “assim como nomes somente denotam objetos quando ligados a outros nomes em um signo proposicional, do mesmo modo objetos só existem no mundo na medida em que se encontram ligados a outros objetos em fatos”. A cada ligação de objetos que compõem um fato, podemos reconhecer um nome que os designam, sendo uma ligação complexa, por outro lado, uma proposição que junta alguns poucos nomes que designam alguns poucos objetos (chamada de proposição elementar) corresponde, no mesmo nível de designação, aos estados de coisas. Uma proposição elementar serve como função de verdade das proposições complexas, pois a

primeira está em um nível anterior àquela que contém mais ligações de nomes, em um arranjo lógico que busca se referir a estados de coisas. A ligação complexa se resolve no fato, o que veremos mais adiante.

Pensando logicamente, assim, quando se afirma que algo é, já se pressupõe o que ele não é, isto é, se não há nada no mundo (objetos/coisas) que confirme que uma proposição é o caso, então não deve existir qualquer estado de coisas que a justifique ser o caso. Ademais, se em uma proposição se afirma algo que não corresponde ao estado de coisas, diz-se que essa proposição é falsa, caso contrário ela é verdadeira. Quanto às coisas, 2.01, diz respeito aos objetos do mundo, e o estado de coisas só pode ser a maneira como estes mesmos objetos estão dispostos no mundo. Em seguida:

“2.011 É essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 129).

Em outras palavras, ou até mesmo usando seus sinônimos dentro do projeto wittgensteiniano, faz parte da essência dos objetos ser parte do caso, dada a maneira como as coisas estão dispostas no mundo. Vejamos, se digo “há um gato dentro da caixa”, esses estados de coisas pertencem ao mundo separados, o gato, a caixa, a possibilidade de algo estar dentro de algo. Porém, poderia ser de outro modo conforme as disposições das próprias coisas; o gato poderia não gostar de caixas ou simplesmente só não caber, ou a caixa não ter uma forma adequada para recebê-lo. Todas as possibilidades de serem ou não serem o caso, de um certo estado de coisas estar disposto na realidade, são previstas e cuidadas pela lógica (“a lógica trata de cada possibilidade e todas as possibilidades são fatos seus” (TLP 2.0121)). “Como o som deve ter alguma altura, e o objeto do tato alguma dureza” (TLP 2.0131), a lógica fica a cargo de compreender se isso faz sentido - sintaticamente - ou não. Isso fica ainda mais claro na proposição seguinte:

“2.012 Na lógica nada é casual: se a coisa pode aparecer no estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar prejudgada na coisa.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 129)

Há muitas formas que estes estados de coisas podem estar dispostos no mundo. A lógica, segundo a proposição acima, compreende as possibilidades que estão inseridas na própria coisa para ser de um modo, e não de outro. Como dito, os objetos devem estar de certo modo arranjados para ser um estado de coisas, tornando evidente, assim, sua forma lógica,

pois “no estado de coisas os objetos se concatenam, como os elos de uma corrente” (*TLP 2.03*). Em via conclusiva, no seu livro *O Tractatus de Wittgenstein*, H. O. Mounce afirma:

O mundo, então, é a totalidade dos fatos no espaço lógico; ou, ainda, é a totalidade dos estados de coisas, que são constituídos por objetos que se concatenam de uma determinada maneira. Essas são as conclusões das primeiras páginas do *Tractatus*. Mas que tipo de conclusões elas são? São enunciados sobre o mundo, mas não são, em nenhum sentido natural, proposições empíricas. São enunciados sobre como o mundo tem de ser para que haja sentido, para que haja proposições (MOUNCE, 2021, p. 33).

Nessa primeira parte, assume-se a ontologia do mundo para que, como referenciado na citação acima, haja sentido, haja proposição. Mas este mundo tractariano não é apenas uma noção de objetos separados e interdependentes, estes objetos estão conectados uns aos outros, pois também estão dispostos assim na realidade como substância. Se caso não fosse deste modo, afirma o *Tractatus*, ter ou não ter sentido uma proposição dependerá de ser ou não ser verdadeira uma outra proposição (*TLP 2.0211*); deste modo, seria então impossível traçar uma figuração do mundo, verdadeira ou falsa (*TLP 2.0212*). Assim, a realidade não é apenas a existência dos estados de coisas, mas também a inexistência deles. Estes dois aspectos formam o que entendemos como realidade (“À existência de estados de coisas, chamamos também um fato positivo; à inexistência, um fato negativo” (*TLP 2.06*)). Para além disso, compreende-se assim uma forma de compreender o mundo e a linguagem, entretanto, para tal, deve-se atentar à teoria figurativa e aos átomos que compõem a nossa linguagem, pois possibilitam a aproximação e o contato dela com esse mundo de ligações necessárias. Na seção a seguir, vejamos o necessário para compreender a teoria da figuração e como se dá os átomos de nossa linguagem.

### 2.3 A teoria pictórica da proposição

Assim como o mundo, a linguagem tem sua estrutura. A estrutura da linguagem existe pela necessidade que temos em falar suficientemente sobre o mundo, sobre as relações humanas, sentimentos e tudo que foi necessário exteriorizar. É necessário exteriorizar, ora pela via da sobrevivência em grupo, ora pelos momentos despreocupados, que a razão humana busca produzir outras linguagens, ou seja, que a sobrevivência já não é a preocupação principal (produzir a arte, literatura, música, cinema, política, etc). Entretanto, este é um outro debate que não nos importa aqui, pois Wittgenstein, no *Tractatus*, está preocupado especificamente com a linguagem proposicional, a linguagem que é capaz de asserir sobre as coisas, podendo ser verdadeira ou falsa e contendo sentido. Ele não está preocupado, por

exemplo, com um poema, em que o sentido das palavras não são objetivos e analíticos. Para Wittgenstein, a linguagem compõe-se de proposições, que são arranjos feitos por proposições elementares que, nelas mesmas, são combinações de nomes. A junção destas proposições elementares formam algo mais complexo, isto é, uma proposição composta. O *Tractatus* apresenta os níveis da estrutura da linguagem que se direciona aos níveis da estrutura do mundo. Para esboçar isso, A. C. Grayling propõe uma representação preliminar das estruturas paralelas entre linguagem e mundo:

*Linguagem ↔ Mundo*

*Proposição ↔ Fatos*

*Proposições elementares ↔ Estados de coisas*

*Nomes ↔ Objetos*

Esse esboço não é inteiramente fiel, pois não explica o que une as linhas paralelas. Apesar disso, ajuda a entender a ideia central da estrutura das duas linhas (linguagem/mundo) que Wittgenstein interliga, usando a teoria figurativa do significado, explicando assim a forma como a linguagem se conecta com o mundo. A linguagem figura o mundo, e isso fica claro através da teoria figurativa. As proposições são compostas de proposições elementares, pelos conectivos funcionais de verdade. Elas são, desse modo, funções de verdade de proposições elementares (GRAYLING, 2002, p. 48). E quanto aos objetos? Sua ligação com os nomes constituem as partículas fixas e inseparáveis que tocam o mundo, da qual veremos posteriormente. No momento, vejamos, como podemos entender a teoria figurativa da linguagem e sua relação com o significado, com a representação pictórica do mundo.

Wittgenstein assume que a primeira vez que lhe ocorreu a ideia que a linguagem figura os objetos da realidade foi lendo um jornal de Paris, que dizia sobre o uso de automóveis e outras peças de brinquedo para retratar certo caso ocorrido. O caso envolvia um acidente que, substituído por peças de brinquedos, visava uma melhor precisão das narrativas, pois representar aquilo por objetos em uma maquete facilitaria a compreensão do júri. Entretanto, nem sempre é tão fácil assim figurar a realidade, como veremos mais adiante. No momento, vejamos, o que são os meios pictóricos para o autor do livro em questão. Kenny



devemos compará-la com a realidade, pois elas não dizem, em si mesmas, a verdade ou a falsidade, isto é, uma figuração verdadeira *a priori* não existe (TLP 2.225).

Não devemos comparar a figuração como se fosse apenas uma fotografia da realidade, pois a fotografia registra um certo estado de coisas, enquanto a figuração tractariana toma como o sentido (*Sinn*) da proposição, registrando a possibilidade do estado de coisas estar de certa forma ou não estar. Também não é simplesmente atribuir a um objeto um nome e significado, pois, como é apontado na proposição 3.3, "só as proposições têm sentido; é só no contexto de uma proposição que um nome tem significado". É em sua relação com o contexto que lhe conferimos significado, sua relação com o todo da proposição que confere o sentido para algum nome, pois "uma proposição tem forma lógica quando espelha a forma lógica do mundo" (MOUNCE, 2021, p. 44). Dessa forma, como podemos entender a forma lógica? Não podemos dar exemplos claros dela, apenas entendê-la através das regras usadas para seu emprego. Como o sinal "é", que se usa ora sob algumas regras predicativas ora expressando uma igualdade. Mounce (2021, p.46) aponta que "um sinal só tem significado se é aplicado de acordo com regras que refletem a forma lógica, pois é a forma lógica que confere significado a um sinal, e não nossa decisão de lhe conferir um significado". Desse modo, podemos entender algum dado sinal somente no seu contexto de aplicação, lembrando, assim, o *princípio compositivo* de Frege<sup>2</sup>, porém aqui a forma lógica é um elemento novo e importante no projeto que a filosofia tractariana apresenta. Sobre este uso da forma lógica, Wittgenstein afirma em 3.327: "é só com seu emprego lógico-sintático que um sinal determina uma forma lógica". Assim, o que a figuração tem em comum com o afigurado é apenas a sua forma lógica de afiguração (TLP 2.2), representando uma situação possível no espaço lógico (TLP 2.202). Nessa linha também podemos compreender o que é um pensamento:

3. A figuração lógica dos fatos é o pensamento.

3.001 "Um estado de coisas é pensável" significa: podemos figurá-lo

3.01 A totalidade dos pensamentos verdadeiros é uma figuração do mundo.

3.02 O pensamento contém a possibilidade da situação que ele pensa. O que é pensável é também possível. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 139)

Conforme a proposição 3, o pensamento também é uma figuração, mas uma figuração lógica é possível. Se o estado de coisas é possível, podemos pensá-lo, pois a lógica trata de sua possibilidade enquanto realidade. A totalidade do mundo é a totalidade de pensamentos verdadeiros, que estão corretos enquanto figuração, pois se dirigem ao todo enquanto fato.

---

<sup>2</sup> O significado de uma sentença é determinado pelo significado das partes que compõem uma sentença, e pela maneira de como estas partes estão dispostas em uma sentença. Esta ideia é apresentada por Frege em seu artigo intitulado *Sobre o Sentido e a Referência* (FREGE, 2009).

Podemos apenas pensar sobre coisas do mundo, não conseguimos pensar em coisas que não existem nele ou fora dele. Esta é uma das pretensões do *Tractatus*, mostrar as possibilidades do que pode ser pensado e, conseqüentemente, falado. A figuração, a forma lógica, a estrutura da linguagem e do mundo e as funções de verdade da proposição servem de base para Wittgenstein argumentar sobre os limites do dizer e do pensar. Seguindo a linha:

3.1 Na proposição o pensamento exprime-se de maneira sensivelmente perceptível.  
 3.11 Utilizamos o sinal sensivelmente perceptível (sinal escrito ou sonoro, etc.) da proposição como projeção de situação possível. O método de projeção é pensar o sentido da proposição.(WITTGENSTEIN, 2020, p. 141)

A proposição é sensivelmente perceptível pois, tendo sinais escritos ou sonoros, se trata de figurações possíveis de estados de coisas também possíveis, compreensíveis pela razão e mostrados no mundo, na realidade. Desse modo, entendemos o sentido de uma proposição e compreendemos certo pensamento enquanto figuração da realidade. É desse modo que a linguagem figura o mundo, que as proposições figuram os fatos e que a linguagem faz-se suficientemente comunicável, segundo a filosofia do primeiro Wittgenstein. Por ora, vejamos o que constitui a metafísica do atomismo lógico.

#### 2.4 A metafísica do atomismo lógico

Wittgenstein nunca chegou a empregar a palavra “átomo” no decorrer do texto do *Tractatus*, esta é uma nomenclatura provinda de Russell. Mas, para facilitar, na mesma linha do que é aceito pela grande maioria dos comentadores, aceitaremos o uso do termo. Para entender, é importante recapitular o que concebemos até aqui: a totalidade dos fatos é o mundo (*TLP 1.1*). As proposições visam figurar o mundo, que é composto de fatos. Fatos podem ser positivos ou negativos (*TLP 2.06*), isto é, a realidade é a existência ou inexistência de estados de coisas, que, por sua vez, é composto por ligações de objetos (*TLP 2.01*). Dessa maneira, o mundo é composto por arranjos de objetos ligados entre si. São ligações variadas, sendo que podem se conceber de outra maneira, ou seja, o mundo poderia ser de outro modo. É a existência ou não existência desses arranjos entre objetos que faz com que as proposições elementares, que projetam modelos deles, sejam verdadeiras ou falsas (MARQUES, 2005, p. 37). Um objeto é essencialmente o que compõe um estado de coisas (*TLP 2.011*), sua natureza é poder aparecer em outros estados de coisas, arranjados nele (*TLP 2.0123*). A sua forma é sua possibilidade de aparecer em estados de coisas (*TLP 2.0141*). Se temos em vista todos os objetos então também temos todos os estados de coisas que compõem o mundo (*TLP 2.0124*). Assim, deve haver uma relação entre nome e objeto. Segundo Marques (2005, p. 37), “o

estabelecimento da relação afiguradora entre nome e objeto pressupõe o compartilhamento da mesma forma lógica, basta que os nomes sejam empregados de acordo com suas regras sintáticas, que determinam sua forma, para que assim signos possuam sentido”. O que é comumente aceito é, na análise última de uma proposição, separar seus conectivos lógicos e seus predicados, restando apenas as entidades inseparáveis, os átomos indivisíveis.

Para compreender melhor a ideia de átomo lógico e toda a estrutura do *Tractatus*, tomemos como base o exemplo de Anthony Kenny (1995, p. 75) sobre um jogo de xadrez. Em seu lugar traremos uma releitura, pensando aqui não em um tabuleiro e peças de xadrez, mas em um concerto de uma orquestra de câmara: consideramos que os objetos do mundo são notas musicais, e o nome de cada nota é sua representação dentro de cada linha ou espaço vazio de uma partitura. Aqui, os estados de coisas são representados pelas relações entre as notas e as linhas ou espaços da partitura, consistindo em um trecho ou frase musical. Quando determinadas notas estão dispostas na partitura e de acordo com a música tocada pela orquestra, estamos diante de um fato positivo. Caso haja desacordo, estamos diante de um fato negativo. Os fatos seriam todas as notas arranjadas do início ao final da música, com todas as suas frases musicais (estados de coisas). O mundo, todas as combinações de fatos, é o som produzido por toda a orquestra em um certo espaço de tempo, por todos os fatos, isto é, todos os instrumentos (violino, viola, violoncelo e contrabaixo) tocando as respectivas partituras de seus “fatos”. Em resumo: aos objetos correspondem às notas musicais; aos estados de coisas, uma frase musical, que é a combinação em um trecho de certas notas representadas com uma certa disposição na partitura; os fatos são todas as conexões de frases musicais do início ao fim de cada partitura; e o mundo é todos os naipes de cordas sendo tocados ao mesmo tempo, todas as claves que constituem a escrita total da música. E onde fica o espaço lógico? O espaço lógico só poderia ser a própria partitura<sup>3</sup>. Toda a possibilidade de escrita das notas nas linhas e espaços que podem vir a formar uma partitura musical é o espaço lógico, que contém as regras musicais para se escrever uma partitura musical. Assim, visualizamos o exemplo:

### **Figura 1 - Telemann: Viola Concerto em G Maior**

<sup>3</sup> Em agradecimento à sugestão do Prof. Dr. Bruno Mendonça durante a mesa de comunicação no *IV Simpósio de Lógica, Linguagem e Conhecimento* da UFFS, dentro deste exemplo o espaço lógico não finda-se apenas nas combinações das notas em uma partitura, há também a escrita das pausas, o silêncio também faz parte da escrita musical e, portanto, a partitura não está vazia quando não há notas e mesmo o silêncio tem a sua significação. Aqui, a analogia musical se afasta do atomismo do *Tractatus*, em que se há nomes que não se referem a nada, os mesmos não têm significação. Visto que as pausas podem gerar ambiguidades no exemplo proposto, imaginemos apenas as notas.

The image shows a musical score for four instruments: Violin, Viola, Violoncello, and Contrabass. The music is in 4/4 time and the key of D major (one sharp). The Violin part starts with a forte (*f*) dynamic and features a melodic line with eighth and sixteenth notes. The Viola, Violoncello, and Contrabass parts provide a rhythmic accompaniment, also starting with a forte (*f*) dynamic. The Viola and Contrabass parts include articulation marks 'V' above certain notes. The score is presented in a standard musical notation format with a treble clef for the Violin and bass clefs for the other instruments.

Fonte: disponível em <<https://musescore.com/user/5856811/scores/5530149>>

Seguindo estas regras, compomos a parte que cada instrumento irá tocar, fazendo a orquestra toda soar, pois os fatos (toda a música representada) no espaço lógico (na partitura) são o mundo (a música tocada pela orquestra) (*TLP 1.13*). Como já dito anteriormente, porém dando continuidade ao exemplo, cada nota tem em sua essência a possibilidade de estar de algum outro modo, já estando prejulgado nela mesma (*TLP 2.012*), mudando a frase musical e mudando a música, mesmo que minimamente. As notas se diferenciam através de sua forma lógica, assim como acusticamente Lá (A) se diferencia de Sol sustenido (G#), e significam coisas diferentes, na partitura essas notas também serão representadas em posições distintas. Cada nota é simples e constitui toda a substância de qualquer música tonal. Assim, vejamos o que diz o *Tractatus* sobre as notas (objetos):

2.02 O objeto é simples.

2.0201 Todo enunciado sobre complexos pode-se decompor em um enunciado sobre as partes constituintes desses complexos e nas proposições que os descrevem completamente.

2.021 Os objetos constituem a substância do mundo. Por isso não podem ser decompostos. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 133)

Os objetos são, desse modo, os constituintes últimos da linguagem, pois possuem forma fixa (*TLP 2.023*). Isolamos eles e, decompondo os enunciados complexos, encontramos os enunciados das partes que constituem do todo, encontramos as formas fixas que amarram os estados de coisas, conforme 2.0201. Sendo substância, o objeto subsiste independente do que seja o caso (*TLP 2.024*), não sendo possível quebrá-los em outras entidades. É de grande importância a existência dos átomos no projeto tractariano, pois se não houvesse substância no mundo, não poderíamos figurar nada (*TLP 2.0212*). Outras proposições importantes que definem o que é o objeto e sua forma se seguem no livro, vejamos:

- 2.0251 Espaço, tempo e cor (ser colorido) são formas dos objetos.  
 2.026 Só havendo objetos pode haver uma forma fixa no mundo.  
 2.027 O fixo, o subsistente e o objeto são um só.  
 2.0271 O objeto é o fixo, subsistente; a configuração é o variável, o instável.  
 2.03 No estado de coisas os objetos se concatenam, como os elos de uma corrente.  
 (WITTGENSTEIN, 2020, p. 133-135).

No exemplo das notas musicais, a forma do objeto é apenas a sua frequência que a difere de outras notas, mas conforme 2.0251 vê-se que todo objeto se encontra no espaço e no tempo, sendo suscetível de possuir cor, ou seja, o percebemos. Porém, aqui, nada tem a ver com *empíria*. Como já afirmado, sendo o objeto o fixo, subsistente, sua configuração varia conforme as instabilidades da realidade. E, por fim, eles se concatenam como elos de uma corrente, interligando os objetos entre si e formando o estado de coisas, que, por sua vez, resolvem-se em fatos e desvendam a estrutura da realidade.

A partir desse ponto, o autor do *Tractatus* estrutura, agora com um ponto fixo, sua teoria da relação entre linguagem e mundo, reconhecendo o que pode ser somente dito ou somente mostrado, visando a análise dos limites mesmos da linguagem, temas estes que se dão no decorrer do texto. O próximo nível é compreender como os átomos lógicos estruturam as proposições elementares, para isso buscamos entender o que diz Kenny:

Para os estados de coisas que são concatenações de objetos simples correspondem proposições elementares que afirmam a existência de estados de coisas; as proposições elementares são concatenações de nomes de objetos simples (*TLP* 4.21-4.221). O mundo se pode descrever completamente fazendo uma lista de todas as proposições elementares, e destacando quais delas são verdadeiras ou falsas (*TLP* 4.26). Porque as proposições elementares verdadeiras reconhecem todos os fatos positivos, e as proposições elementares falsas correspondem a todos os fatos negativos, e a totalidade dos fatos são o mundo (*TLP* 2.06, 1.1) (KENNY, 1995, p. 84).<sup>4</sup>

Dessa forma, as proposições elementares são aquelas que, composta por concatenações de átomos lógicos, podem ser submetidas às tabelas de verdade, tornando assim dispostas suas possibilidades de acordo com a forma lógica dos objetos que a compõem. O mundo seria então uma linha de uma tabela de verdade gigante, cada célula dessa linha contendo cada possibilidade de aparição dos objetos em estados de coisas, seguindo a lógica de suas possibilidades de arranjos, demonstrando a possibilidades de verdade e falsidade de cada. O que não interessa para as tabelas de verdade são as tautologias e contradições que, não possuindo sentido, não se tornam verdadeiras quando comparadas com a realidade, pois “nem tautologias nem contradições mantêm, assim, nenhum vínculo figurativo ou representativo com a realidade” (MARQUES, 2005, p. 42).

<sup>4</sup> Tradução de autoria própria.

O que foi analisado até aqui demonstra o que Wittgenstein entende por átomos lógicos, nos referimos ao *simples*, isto é, a entidades subsistentes que possibilitam a atribuição de verdade e falsidade dentro da lógica de proposições que buscam dizer algo sobre o mundo. A importância de sua aparição no *Tractatus* é quase que central, pois nos é apresentada junto com a ontologia do mundo, reconhecendo os nomes de objetos como as partes da linguagem que “tocam” o mundo. O abandono da doutrina se deu após algumas transformações do próprio autor, colocando em xeque as razões pelas quais podemos confiar em uma ontologia que possa justificar o uso dos conceitos de átomos em proposições. Grande parte disso se dá pela tendência do primeiro Wittgenstein em considerar a forma da linguagem apenas proposições com um vínculo direto entre nome e nomeado, tendo como base a rigorosidade da lógica, reduzindo-se a uma concepção estritamente denotativa e unitária que, como veremos, não é suficiente para compreender a linguagem ordinária. O que se segue são as pretensões do autor, com a escrita das *Investigações Filosóficas*, como negação da sua primeira forma de ver a linguagem, assunto que perpassa o próximo capítulo, pretendendo contextualizar o leitor das mudanças que marcam a vida do autor e possibilitam a escrita de sua segunda “fase”. Vejamos a construção de sua nova postura filosófica.

### **3. O ABANDONO DO ATOMISMO LÓGICO NAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS***

Após Wittgenstein ser solto pelas tropas italianas, o *Tractatus* foi publicado em 1921. Aqui, o período que se desenrola é marcado por grandes transformações na vida de Wittgenstein. A aceitação de uma vida simples após doar toda sua fortuna às suas irmãs o direcionou para a profissão de mestre-escola, isto é, um professor de educação primária que tinha como função introduzir as crianças no mundo das letras. Em quatro anos tendo esta experiência, Ludwig construiu um dicionário com cerca de seis mil palavras, publicado em 1926 (BRUNI, 1979, p. IX). Não se sabe o quanto esta experiência com o ensino influenciou a construção das *Investigações Filosóficas*, mas os traços da aplicabilidade e movimento da linguagem são mais nítidos, demonstrando um caráter mais didático e vivo. Dentro deste período que antecede seu retorno à filosofia, o filósofo também trabalhou como ajudante de jardineiro e só então em 1929 retornou à Cambridge. A construção das *Investigações* inicia a partir de 1936, quando Wittgenstein passa a viver na Noruega. Porém, no ano seguinte, ele retorna à Cambridge e toma a cadeira de G. E. Moore, permanecendo lá até o estopim da Segunda Guerra Mundial. Este período fez Wittgenstein paralisar sua obra e arranjar novamente trabalhos simples. Após o fim deste período obscuro, o filósofo se muda para uma

cabana no interior, em busca de tranquilidade para finalizar sua obra que demarca o que entendemos como sendo o segundo Wittgenstein (BRUNI, 1979, p. X).

O tipo de escrita de sua segunda obra se diferencia, saindo dos moldes lógicos quase como oraculares para uma fluidez textual objetiva, em pequenos e às vezes grandes parágrafos. O autor nos apresenta em seu prefácio seu livro como sendo “sedimentos de investigações filosóficas” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 07) ou como um álbum de esboços de paisagens onde, ao passar das páginas, o leitor entra em contato com diversas análises sobre o que se volta à sua filosofia. Quanto às questões tratadas nas *Investigações*, o prefácio nos mostra que se dirige a diversos objetos de estudo, como: “o conceito de significação, de compreensão, de proposição, de lógica, aos fundamentos da matemática, aos estados de consciência e outros” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 07) . Neste início, Wittgenstein se justifica tendo em vista que o seu tipo de escrita ainda não é um todo integrado, não como a maioria dos textos filosóficos se apresentam a nós, mas ainda permanece com uma tendência numérica em movimento, ao longo de um curso de anotações que varia de pequenas observações, que ocupam um ou mais parágrafos, ou em grandes sequências que versam sobre o mesmo assunto e que se complementam. Aqui, ele compreende que construir sua filosofia de acordo com a estrutura dos textos filosóficos que circulavam em sua época era contra a tendência natural de seus pensamentos, de modo que nenhum esforço seria suficiente para forçá-los a seguir de maneira diferente. E conclui:

Após várias tentativas fracassadas para condensar meus resultados num todo assim concebido, compreendi que nunca conseguiria isso, e que as melhores coisas que poderia escrever permaneceriam sempre anotações filosóficas [...] são, por assim dizer, uma porção de esboços de paisagens que nasceram nestas longas e confusas viagens. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 07).

Outra justificativa para a publicação das *Investigações* é a necessidade de posicionamento do autor quanto às interpretações que o importunavam. Após vinte e sete anos da publicação do *Tractatus* e suas repercussões dentro da comunidade filosófica, seu pensamento circulava e a imagem que sua teoria ganhou não agradava o Wittgenstein atual, isto é, o de 1945 durante a escrita desta obra da segunda fase. Não sendo somente isso, a reformulação e o esclarecimento quanto a sua primeira obra é outro objetivo muito importante aqui – se não o mais importante –, chegando a ganhar inúmeros parágrafos que se voltam a uma crítica e reformulação de sua antiga filosofia. Levando em conta as suas novas experiências após o período tractariano, sobretudo na troca de cartas e enfrentamento de críticas que sua teoria recebeu – como as de Frank Ramsey, que é citado no prefácio – Wittgenstein inaugura a segunda importante fase de seu pensamento.

Ademais, a concepção paradigmática de linguagem também sofre alteração, ainda mais se colocarmos como pano de fundo o *Tractatus*. Este pano de fundo no qual convém as novas críticas englobava apenas o uso assertórico da linguagem, excluindo outras diversidades de linguagens, como veremos a seguir. Nesta etapa tractariana, é de exclusiva importância compreender a ontologia que reconhecia nos objetos simples e na relação afiguradora a conexão linguagem-mundo, tão importante para o edifício do *Tractatus Logico-Philosophicus*, pois se tirássemos esta teoria atomista, o edifício tractariano iria ruir. Quanto ao segundo Wittgenstein, compreender sua nova desenvoltura nos ajuda a compreender toda uma atividade filosófica madura, sobretudo no que diz respeito às novas roupagens que o paradigma de linguagem tomou nas *Investigações Filosóficas*. Todos os objetos trabalhados são agora postos sob novas perspectivas, sobretudo, como aponta Jaakko Hintikka, sob uma perspectiva de linguagem fisicalista, pois agora a linguagem também pertence ao físico, sua principal mudança pós 1929 (HINTIKKA, 1994, p. 221). Desse modo, constata-se que podemos entender as pretensões e inovações das *Investigações Filosóficas*, conforme sugestões do próprio Wittgenstein, em sua nova literatura, como contraposição ao *Tractatus*.

O segundo Wittgenstein é reconhecido por sua famosa mudança, nos apresentando, em certa medida, um novo filósofo. Mas conforme o aprofundamento em sua nova filosofia, notamos que é o mesmo autor. Sendo reconhecido por seu modo cético e quietista de fazer filosofia, o que muda é sua abordagem perante os mesmos temas. O que se assemelha com sua primeira obra é os objetos de estudo, ou seja: a linguagem, a proposição, a comunicação, o definir, o apontar, o atribuir significado, o dizer e o mostrar, etc. Agora, tendo abandonado o velho paradigma de linguagem, o autor se volta para as *Investigações Filosóficas*. O objetivo aqui é identificar a visão do segundo Wittgenstein perante as considerações filosóficas expressas no *Tractatus*, como pano de fundo, mais especificamente as questões concernentes aos objetos simples, as relações denotativas da linguagem, sobre a natureza dos nomes e de que forma reconhecemos uma correspondência entre nome e nomeado. Dado que estas são noções que ajudam a contrapor as bases do atomismo lógico tractariano, veremos a ótica que o segundo Wittgenstein adota para refutar sua antiga visão da linguagem. Para isso buscamos entender a primeira parte das *Investigações*, que versa sobre a concepção agostiniana de linguagem, a definição ostensiva, os jogos de linguagem, os nomes logicamente próprios e a própria natureza do significado.

Neste primeiro momento, o autor inicia apresentando a concepção agostiniana de linguagem, que veremos na seção que se segue.

### 3.1 A concepção agostiniana da linguagem

A primeira parte das *Investigações Filosóficas* se volta para a concepção agostiniana de linguagem, que também, em certo sentido, é uma concepção tractariana de linguagem. Wittgenstein, aqui, cita textualmente Agostinho:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 09)<sup>5</sup>

Esta passagem parece nos dizer algumas coisas simples. Ela nos diz que uma criança, dentro do aprendizado de linguagem, reconhece no nome proferido por um adulto uma forma de se referir aos objetos ao seu redor, vê os objetos ao redor como sendo passíveis de nomeação, e, por fim, por meio deste aprendizado expressa o que se sente. A partir dessa noção, podemos concluir que, para este aprendizado de linguagem ser possível, é preciso saber como pronunciar o nome corretamente. E por relacionar com exatidão estes nomes aos objetos correspondentes que conseguiremos expressar o que se passa em nossas mentes.

Na primeira passagem das *Investigações*, ou seja, na seção §1, o autor cita três tendências que dominam a ideia que Agostinho introduz, segundo ele: que palavras nomeiam objetos; sentenças são combinações de palavras; toda palavra tem um significado (*Bedeutung*). Juntos, estes três pontos formam “uma determinada imagem da essência da linguagem humana” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 09). A citação introduz ao assunto, nos apresenta uma concepção comum entre os filósofos desde *Teeteto*. Assim sendo, entre as seções §1 a §27 (não somente aqui, mas sobretudo de maneira explícita nestas seções, sendo comum o retorno do assunto nas seções seguintes), o livro analisa as consequências e problemas que a concepção agostiniana de linguagem contém e que o presente capítulo pretende abordar. Com um intuito claro, isto é, o de introduzir o debate em um tema que trata não só da sua antiga obra mas também de uma tendência filosófica, o autor das *Investigações* assim apresenta as suas novas considerações.

A acusação a Agostinho, primeiramente, se evidencia pelo fato de que o filósofo medieval está pensando somente em substantivos como “cadeira”, “árvore”, “sofá”,

---

<sup>5</sup> Citação das *Confissões (I, 8)* de Agostinho traduzida do latim pelo próprio Wittgenstein.

limitando-se a apenas a uma pequena classe de tipos de palavras e excluindo uma diversidade de outras. Também exclui quantificadores (“todo”, “algum”), conectivos (“e”, “ou”) e demonstrativos (“este”, “aqui”), tão importantes para a comunicação. Não obstante, este mesmo paradigma de linguagem pode ser visto nas roupagens do *Tractatus*, porém a visão tractariana se apresenta de modo muito mais contundente, imperativo, mirando em uma concepção de linguagem denotativa que só a aceita em seus modos específicos e logicamente analisáveis, obedecendo uma gramática rigorosa. Inicialmente, este paradigma já se inicia excludente, sua consequência é um esquecimento de inúmeras outras formas de comunicação, deixando em segundo plano o restante de espécies de palavras. A inclinação em aceitar a significatividade apenas dentro do rigor da lógica, no que ela considera como linguagem, faz com que a linguagem ordinária seja desconsiderada e perca seu crédito. Agora este valor é invertido, as *Investigações Filosóficas* irão englobar tudo o que é significativo na linguagem cotidiana assim como a própria questão de significatividade. Sabemos que usamos a linguagem em todos os nossos dias, pois preceitos, opiniões e convicções são formadas por meio dela, que, não sendo unicamente reduzida aos rigores de uma sintaxe lógica, pode-se expressar de diversas maneiras em diferentes ocasiões, sendo suscetível ao movimento em que ela está sendo praticada. Aqui, há questões filosóficas tão relevantes quanto qualquer outra pretensão de explicar a linguagem humana por meio de uma ontologia universal. Desse modo, a filosofia é vista no solo da vida comum, onde ela também de fato se encontra.

Um primeiro exemplo de prática de linguagem ainda se mostra no §1, o exemplo do negociante, pensando em um modo convencional de usar este paradigma supracitado. Vejamos:

[...] mando alguém fazer compras. Dou-lhe um pedaço de papel, no qual estão os signos: "cinco maçãs vermelhas". Ele leva o papel ao negociante; este abre o caixote sobre o qual encontra-se o signo "maçãs"; depois, procura numa tabela a palavra "vermelho" e encontra frente a esta um modelo da cor; a seguir, enuncia a série dos numerais - suponho que a saiba de cor - até a palavra "cinco" e a cada numeral tira do caixote uma maçã da cor do modelo. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 09).

Desse modo, onde encontramos a palavra “vermelho”? E ainda mais difícil, onde encontramos a palavra “cinco”? Em que lugar do mundo encontramos estes objetos? Quanto ao vermelho, posso apontá-lo em determinados objetos, mas não encontro a vermelhidão em si. Neste caso, não precisamos encontrar estes objetos correspondentes no mundo para entendermos a sentença; o negociante entende a sentença, visto que age de certo modo, a comunicação foi bem sucedida nesta conjuntura. Ademais, não nos perguntamos qual a significação da palavra “cinco” neste emprego de linguagem, mas somente de como é feito o

uso desta palavra neste caso específico, em seu contexto de uso. Um novo modelo de investigação já pode ser notado aqui. Aquilo que dizia respeito aos objetos simples, como em 3.221 (só posso nomear os objetos e os sinais o substituem), ou sobre como os objetos do mundo podem ser representados em uma grande tabela de verdade, onde os argumentos possam ser verificados, indicando a validade ou invalidade de sua existência em estados de coisas, não satisfazem mais a análise de linguagem do segundo Wittgenstein. Em 3.25, Wittgenstein diz: “há uma e apenas uma análise completa da proposição” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 145), a negação desta asserção por meio das *Investigações* é um reconhecimento fundamental para pensarmos sua nova postura.

O exemplo de Agostinho é um bom retrato para pensarmos no que consiste a semântica no *Tractatus*. Ao afirmar que palavras nomeiam objetos e que toda palavra tem um significado, Agostinho pensa em um modelo de linguagem um tanto primitivo, como apontado no §2. Imaginemos que um pedreiro e seu ajudante usam um tipo de linguagem primitiva que consiste de 4 palavras, são elas: “coluna”, “bloco”, “viga” e “placa”. Para cada palavra proferida por A, o ajudante B traz uma peça correspondente ao sinal indicado. O conceito agostiniano de significado se ajusta a este tipo de linguagem, que por si só é mais primitivo que nossa própria linguagem (WITTGENSTEIN, 1979, p. 10). Na acusação de §3, é como se alguém dissesse e parafraseando o próprio autor: “Jogar consiste em empurrar coisas, segundo certas regras, numa superfície...” - e nós respondemos: “Você parece pensar nos jogos de tabuleiro, mas nem todos os jogos são assim.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 10). O conceito de significado posto aqui se limita a um modo específico de como a linguagem é empregada, diz algo com sentido, mas não é somente isso, a linguagem se prova muito mais complexa e variada do que isso. Esta simplicidade, assim, traz à tona a necessidade de novas reformulações e a urgência de seu novo modo de pensar ganha mais espaço no debate. Em suma, Agostinho diz o que a linguagem é, mas diz só um de seus aspectos mais primitivos. Outra consequência desta concepção se concentra na repercussão do uso de outras palavras, como apontado em §5, o conceito de significado agostiniano obscurece os outros usos de linguagem, pois vê todas as palavras como nomes e confunde a finalidade e a diversidade de usos. Podemos visualizar que o uso primitivo concentra-se no emprego de uma criança quando se aprende a falar, aqui “o ensino de linguagem não é nenhuma explicação, mas sim um treinamento” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 11). Assim, não pensamos no significado da palavra “vermelho” e “cinco” ou procuramos os objetos no mundo, mas agimos conforme o

treinamento da nossa linguagem cotidiana, conforme os signos indicados para uma determinada finalidade.

As *Investigações* não se voltam propriamente para o aprendizado da linguagem, mas para a natureza do significado das palavras que são empregadas no uso. Nota-se em §6 que, dentro do aprendizado de uma linguagem, a criança aprende a associar o nome (um som articulado arbitrário) ao objeto correspondente, e do mesmo modo pratica esta associação de sons a objetos ao seu redor. Contudo, este aprendizado não investiga de fato o significado da palavra ensinada, a criança repete os sons e visualiza o objeto, aqui a prática é um ensino ostensivo de palavras, ou seja, a criança vê o objeto e repete o som ensinado, como se ao pronunciar uma palavra tocássemos uma tecla no piano da representação (WITTGENSTEIN, 1979, p. 11), a tecla emite um som, a palavra significa uma representação mental. Eis um uso simplista da linguagem, como apontado, um jogo não é apenas mover peças sob um tabuleiro, a significatividade não é apenas repetir um som tendo em vista um objeto específico, ela não é realmente explorada dentro deste molde, nos mostrando que Agostinho foge do real e pensa a linguagem em um plano ideal de representação mental. Contudo, dentro deste plano de nomeação há o perigo de se criar grandes erros, o nomear da linguagem nem sempre é fiel ao seu nomeado. Esse ponto é bem destacado nas seções que se seguem de §28, sobre a natureza da definição ostensiva e as ilusões do nomear.

Sua concepção de definição ostensiva substitui o ato de mostrar presente no *Tractatus*. Entretanto, o definir ostensivamente pode gerar ambiguidades, vejamos: em §28, Wittgenstein afirma que a definição do número dois (isto se chama “dois”) é completa, mas podemos facilmente, ao apontar para duas nozes, confundir o nome deste objeto com um nome para número. Da mesma forma, um estrangeiro em outro país aprende uma nova língua. Dentro deste jogo de linguagem, não é necessário um objeto existir para que eu possa nomeá-lo, mas sim, primeiramente, que eu entenda o emprego das palavras “número” ou “cor” e saiba em que lugar da gramática arranjar-las para que faça sentido e possamos evitar mal entendidos. Porém, pergunta o autor, compreender a palavra “número” é condição necessária para entender a definição ostensiva de dois? “Isto depende do fato de que, sem essa palavra, alguém a compreenda de modo diverso do que eu desejo. Isto dependerá sem dúvida das circunstâncias sob as quais ela é dada” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 22). Em síntese, compreender o lugar da gramática de palavras sem referentes, que não posso definir ostensivamente, evita mal entendidos. Caso tenhamos referente, definições ostensivas podem ser dadas aqui mas em todos os casos dependerá de seu contexto de uso, das circunstâncias

pela qual a palavra é indicada. Podemos definir de dois modos: apontando para um objeto ou descrevendo-o usando outras palavras. No segundo caso ficamos refêns da gramática, no primeiro caso ficamos refêns do objeto. Quando aponto para uma xícara tenho algo em mente, ou falo da sua cor, da sua forma ou dos meus sentimentos envolvidos com ela, mas podemos, ao apontar, transparecer exatamente o que se passa em nossas mentes? No §35 é apontado isto como “vivências características”, atividades internas que sentimos ao apontar, querer dizer sobre algo. Aqui, há um vício que a filosofia sempre sucumbe, em considerar um espírito que sente, onde não há. No §36 ele critica esta concepção, concepção esta que Agostinho também adotou:

[...] porque não podemos indicar uma ação corporal que chamamos de apontar para a forma, então dizemos que corresponde a essas palavras uma atividade espiritual. Lá onde nossa linguagem autoriza a presumir um corpo, e não existe corpo algum, lá desejaríamos dizer, existe um espírito. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 25)

Quanto à significatividade da linguagem, a definição de uma proposição significativa ganha maior elasticidade com a noção de “jogo de linguagem”, apresentado exclusivamente na nova postura de Wittgenstein. Sua primeira menção a um tipo de jogo de linguagem se dá na seção §7, vejamos:

[...] Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras em (§2) é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de "jogos de linguagem", e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem.

E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense nos vários usos das palavras ao se brincar de roda.

Chamarei também de "jogos de linguagem" o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada. (WITTGENSTEIN, 1979, p.12)

Aqui, podemos observar uma primeira tendência de encarar o uso da linguagem na prática cotidiana, e, contrariando Agostinho, evitar tão-somente um plano de representação por cada palavra mencionada. Wittgenstein nunca nos diz claramente o que ele pensa ser um jogo de linguagem mas nos dá alguns exemplos de como esses jogos funcionam. Em certo sentido, podemos imaginar que jogos, no geral, envolvem regras. Para cada jogo haverá regras específicas para que ele seja de fato um jogo, e também a fuga dessas regras devem ser evitadas para que possa ter sucesso no jogo. Da mesma forma, podemos imaginar que na linguagem há certas regras a serem seguidas e certos erros a serem evitados. Como as regras dos jogos sempre são arbitrárias e passíveis de mudanças, da mesma forma se dá ao empregarmos a linguagem em nosso cotidiano. O exemplo do negociante pode ser revisitado: o significado da palavra “cinco”, que se encontra neste jogo de linguagem, é específico e

carrega seu significado, visto que há um contexto de uso que esta palavra é empregada; se for outro o contexto, a palavra terá uma função diferente em um emprego distinto. Aqui, a rigidez da semântica do *Tractatus* é deixada de lado; em seu lugar, podemos notar uma maior flexibilidade que tenta dar conta do movimento que é propriamente característico da linguagem humana, e por ser humana deve ser analisada em seu meio. Para tal análise, o autor nos traz uma série de exemplos que englobam uma multiplicidade de usos significativos da linguagem, salientando os diversos jogos de linguagem que exaltam o que podemos entender como formas de vida, isto é, qualquer prática da linguagem que não servem apenas para comunicar pensamentos específicos, mas são expressões de maneiras de ser e pensar, maneiras diversas de se “jogar” com a linguagem, mesmo, em alguns casos, não se referindo a objeto algum. Assim, vejamos:

O termo "jogo de linguagem" deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida.

Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros:

Comandar e agir segundo comandos -

Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas -

Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) -

Relatar um acontecimento -

Conjeturar sobre o acontecimento -

Expor uma hipótese e prová-la -

Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas -

Inventar uma história; ler -

Representar teatro -

Cantar uma cantiga de roda -

Resolver enigmas -

Fazer uma anedota; contar -

Resolver um exemplo de cálculo aplicado -

Traduzir de uma língua para outra -

Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.

- É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus Logico-philosophicus*) (WITTGENSTEIN, 1979, §23, p.19)

Por fim, a passagem cita diretamente o *Tractatus*, nos convida a repensar sobre aquilo que os lógicos consideravam sobre a estrutura da linguagem: poderia estes jogos e formas de

vida serem investigados de modo estritamente lógico? Segundo seus exemplos de jogos de linguagem, a sintaxe lógica não é um meio universal para dar conta destes jogos, não sendo possível reduzir as diversas formas de vida em formalizações estruturais que apontam como a linguagem deve funcionar.

Dentro da *práxis* da linguagem, podemos notar um movimento de constantes mudanças em sua significação, por isso o jogo de linguagem introduzido aqui tem de ser flexível. Ora algumas palavras são usadas de um modo ora de outro. Nos servindo do exemplo do §11, uma tesoura não serve apenas para cortar papel, também a usamos para cortar cabelo; uma cola não é usada apenas para colar papel; do mesmo modo, uma palavra, dentro da oração que está sendo empregada, possui diversas maneiras de uso. Ademais, muitas línguas nascem, crescem e morrem com suas características próprias e, para cada língua, há uma multiplicidade de tipos de linguagens novas e velhas, que foram incorporadas por outras ou até mesmo modificadas pela necessidade do meio. Aqui, a flexibilidade de considerar os jogos de linguagem englobam estes modos de vida. Por outro lado, a concepção de linguagem agostiniana pressupõe uma linguagem completa, elíptica, e tudo o que não for designativo e correspondente o objeto designado é incompleto. Segundo §18, podemos enxergar a linguagem como uma velha cidade, onde seu centro foi construído em sua fundação, seus bairros foram construídos depois, com o tempo e pela necessidade, dado o número crescente de indivíduos. Assim, seus becos e ruelas não existiam e passaram a existir. Mais tarde, constrói-se um aeroporto, um campo de futebol e um shopping, seguindo o movimento e o fluxo da cidade. Desse modo, podemos chamá-la de incompleta por não ter uma linha de metrô? A resposta é não, pois ela continua a ser cidade. Da mesma forma, a linguagem que, em seu modo primitivo anteriormente apresentado, ainda é linguagem, mesmo não possuindo outros conectivos e demonstrativos, pois ela apenas demonstra um modo de vida em que não é necessário outros operadores. No §18, Wittgenstein nos indaga se a linguagem era incompleta antes da notação infinitesimal da matemática ou a linguagem que a química inseriu na ciência, sendo estes dois os “subúrbios” recentes de nossa linguagem.

Vemos que a concepção de Agostinho que “toda palavra designa algo” é imprecisa, e não diz nada sobre como realmente a linguagem funciona. Sendo simplista, afirma só uma característica marcante da linguagem. Aqui, denominar algo é semelhante a colocar uma etiqueta numa coisa (WITTGENSTEIN, 1979, p. 14), esta etapa pode ser entendida como uma preparação para o uso da linguagem, denominamos os objetos para que depois possamos falar sobre eles. As constantes objeções a essa visão demarcam o início do livro,

demonstrando o afastamento definitivo da concepção agostiniana. Os jogos de linguagem, o contexto de uso, as críticas quanto às definições ostensivas, são os novos moldes para pensar a linguagem humana; não sendo passível de uma resposta única e imutável, a linguagem continua sendo um movimento das formas de vida do mundo humano. Quanto à característica dos objetos simples tractarianos, serão eles diretamente postos à prova nas seções que se seguem de §37, demonstrando a perspicácia filosófica que o autor tem perante uma doutrina tão bem formulada por ele mesmo, assunto que carrega uma grande importância para a pretensão filosófica total das *Investigações Filosóficas*, pois demonstra o tipo de filosofia da linguagem criada aqui. Vejamos.

### 3.2 Críticas ao atomismo lógico nas *Investigações Filosóficas*

O atomismo lógico, como vimos, é uma das peças centrais para a construção do edifício tractariano; lá, a relação nome-nomeado se dá de maneira uniforme, binária. Binária pois pressupõe duas vias, signo e objeto, nome e nomeado. “3.203 O nome significa o objeto. O objeto é seu significado” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 143). Sendo, em certo sentido, agostiniano ao considerar isto, o primeiro Wittgenstein crê que toda palavra designa algo. Esta concepção é fortemente combatida nas *Investigações*. No §37, Wittgenstein nos mostra que existe uma variedade nas relações concernentes à nomeação de um objeto, não há uma única maneira. Os exemplos dados são: a linguagem de §2 (um falante dá uma ordem e outro a obedece); posso escrever o nome sobre o objeto que desejo designar, como crianças quando escrevem o nome de seus brinquedos sobre eles e os usam em suas brincadeiras; ao ouvirmos um determinado nome, sua imagem nos vem à mente; apontar e proferir um nome (etiquetar, como em §15). Desse modo, o autor já se afasta de Agostinho e do próprio *Tractatus*, pois não há um modo universalmente designativo da linguagem, sendo sem sentido buscarmos a essência dela por estes moldes, como aponta Baker & Hacker: “There is no single relation ‘to signify’ or ‘to stand for’; hence one cannot invoke a ‘name-relation’ to expose the essence of names.” (BAKER & HACKER, 2005, p. 112). Uma “essência dos nomes” já não é mais o caminho que o segundo Wittgenstein deseja traçar, tampouco apelar para uma estratificação dos nomes como a teoria dos tipos de Russell, pois só seria uma variação da concepção agostiniana. Onde devemos olhar aqui é o contexto de uso em que cada nome é empregado; conforme os exemplos, convém ao papel de linguagem em seu contexto específico demonstrar o significado.

Inicia-se aqui, de modo mais claro, o distanciamento do atomismo lógico. Ao afirmar que não há um e apenas um processo de denominação de objetos, Wittgenstein nos dá um

campo diferente de análise filosófica da linguagem. O mesmo pode ser pensado acerca dos pronomes demonstrativos defendidos por Russell; em §38, encontramos objeções sobre tal tema. Sabemos que os demonstrativos “isto” e “este” podem vir a ser usados em uma sentença ocupando o lugar de um nome, ou também em seu uso ostensivo, apontando e dizendo “isto”. Porém, isto gera confusão, há muitas coisas que chamamos de nomes, o caminho filosófico fica mais claro se esta espécie de erro puder ser evitada. De fato, Wittgenstein afirma que “[...] chamamos de ‘nome’ coisas muito diferentes; a palavra ‘nome’ caracteriza muitas espécies diferentes de uso de uma palavra, aparentadas umas com as outras de modos diferentes; - mas entre essas espécies de uso não está o da palavra ‘este’.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 26). Usando o exemplo das *Investigações*, posso afirmar que “isto se chama N”, mas não posso afirmar que “isto se chama *isto*”, pois a palavra “isto” não é de fato um nome. Novamente, o pronome demonstrativo faz parte de um uso gramatical que faz seu papel na prática, não isoladamente. Nesta concepção, há a visão de que o denominar faz parte de um processo oculto, uma ligação direta de um signo arbitrário com seu objeto, como um notável ato anímico, quase como um batismo (WITTGENSTEIN, 1979, p. 26).

A ideia de considerar “isto” um nome próprio está estritamente ligada às considerações sobre os objetos simples do *Tractatus*. Os pronomes demonstrativos russellianos influenciam diretamente os objetos simples do primeiro Wittgenstein. É uma tendência da filosofia da linguagem, até então ninguém havia apontado onde esta teoria levou as considerações filosóficas sobre a linguagem. “Nomes designam um simples”, os defensores desta opinião (como é o caso do primeiro Wittgenstein e de Russell) estabelecem que, para que uma sentença tenha realmente um sentido, é necessário que suas partes tenham significado. Mas no que consiste exatamente o *ter* significado? Para o *Tractatus* assim como para Russell, o significado concentra-se em ter um referente (*Bedeutung*) ou não, uma herança fregeana que, como já vimos, pode obscurecer outros usos da linguagem. Em §39, temos o exemplo de “*Nothung*”. Quando digo que “*Nothung* tem um corte afiado”, a sentença ainda tem sentido, mesmo que a espada esteja despedaçada. Não sendo um nome logicamente próprio, ainda posso falar dela; mesmo que o referente esteja por si só fragmentado, a sentença possui total clareza sobre qual ser que estou a falar. De todo modo, a confusão é gerada quando confundo quem passa a não existir mais, o nome ou o referente. A questão do significado é deturpada, usada de modo incorreto, assim:

É importante constatar que a palavra "significação" é usada incorretamente, quando se designa com ela a coisa que 'corresponde' à palavra. Isto é, confunde-se a significação de um nome com o portador do nome. Se o sr. N. N. morre, diz-se que

morre o portador do nome, e não que morre a significação do nome. E seria absurdo falar assim, pois se o nome deixasse de ter significação não haveria nenhum sentido em dizer: "O sr. N. N. morreu". (WITTGENSTEIN, 1979, p. 27)

Procurar o correspondente da palavra para fixá-lo como o significado dela não diz exatamente como a significação funciona, já que, muitas vezes, seu referente passa a não existir e seu nome continua a designar algo que em algum momento já existiu (em passado, presente ou futuro). O problema aqui é esta tendência do atomismo lógico de considerar os nomes como eles devem ser, esquecendo de como os nomes realmente funcionam (BAKER & HACKER, 2005, p.116). Sem oferecer de fato uma teoria, o conceito de significação é dado por Wittgenstein em §43: “[...] a significação de uma palavra é seu uso na linguagem. E a significação de um nome elucida-se muitas vezes apontando para o seu portador.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 28). Desta forma, vemos a sua significação na gramática de seu uso, ou posso simplesmente apontar e proferir um nome mostrando uma norma para usá-lo em determinada ocasião.

A discussão sobre os objetos simples se inicia diretamente no §46, com uma citação do *Teeteto* de Platão. “O que há com o fato de os nomes designarem propriamente o simples?” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 28). Logo em seguida, há a citação de Platão, nos fornecendo um certo arquétipo de como os componentes últimos da linguagem pretendem denominar a substância do mundo, sendo possível confrontar os simples com os nomes logicamente próprios (BEKER & HACKER, 2005, p. 123). Para Platão, os elementos originários (ou primitivos) no qual tudo é feito só podem ser designados por nomes, dispensando qualquer explicação sobre eles. Wittgenstein, após expor as considerações presentes no *Teeteto*, conclui: “Estes elementos primitivos eram os 'individuais' de Russell e os meus 'objetos' (*Tractatus Logico-philosophicus*)” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 28). Tanto para *Teeteto* como para os *individuals* de Russell – há suas diferenças e similitudes, porém a matriz é a mesma – considera-se que há entidades simples e compostas, atômicas e complexas. Sendo Russell e o *Tractatus* platonistas ao aceitarem este paradigma de linguagem, cabe à filosofia analítica das *Investigações* o desmembramento destes pressupostos, tarefa de filosofia enquanto esclarecedora de pensamentos. Inicia-se aqui uma argumentação de Wittgenstein sobre o simples: de que maneira consideramos que há um simples no mundo? Como podemos concebê-lo no mundo? Vejamos o que diz o §47:

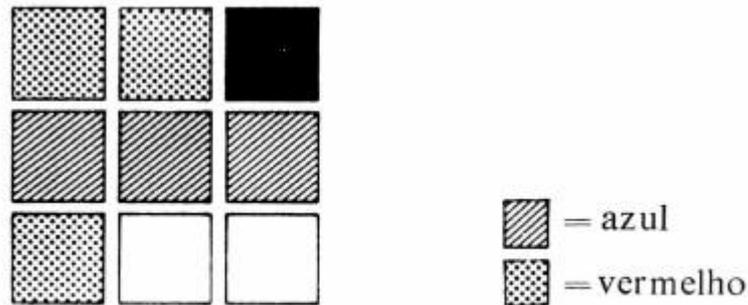
Mas quais são as partes constituintes simples de que se compõe a realidade? - Quais são as partes constituintes simples de uma poltrona? - As peças de madeira com as quais é montada? Ou as moléculas, ou o átomo? - ‘Simples’ significa não composto. E eis o que importa: em que sentido ‘composto’? Não há nenhum sentido em falar

das ‘partes constituintes simples da poltrona pura e simplesmente’.  
(WITTGENSTEIN, 1979, p. 29)

Certamente empregar “simples” e “composto” pode gerar inúmeras ambiguidades. Estar inclinado na busca de entidades sempre mais simples não tem qualquer exatidão, dado que há sempre partes mais simples que constituem um objeto. Como o exemplo da cadeira, posso dizer que ela é composta ou simples? Simples no sentido de ser um nome de um objeto do mundo, se referindo diretamente a ele, composta no sentido de ser constituída de madeira, assento, pregos, estofado e, mais a fundo, também é composta de moléculas, átomos, prótons, elétrons, etc. Não há exatamente um sentido em falar de cada uma de suas partes. O autor nos dá o exemplo de um tabuleiro de xadrez. Posso dizer que ele é composto por 32 quadrados brancos e 32 quadrados pretos, ou simplesmente inferir que ele é uma superfície com inúmeros quadrados pretos e brancos; se o tabuleiro for uma peça antiga, há a possibilidade dos quadrados brancos serem amarelados, ou simplesmente dizer que os quadrados brancos são compostos de outras cores. Não há uma simplicidade absoluta; portanto, não há uma só resposta à questão colocada aqui: esta cadeira é simples? “A pergunta filosófica: ‘A imagem visual dessa árvore é composta, e quais são suas partes constituintes?’ É correta a resposta: ‘Depende do que você compreende por ‘composto’.’” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 30). A inclinação do atomismo lógico é abranger ontologicamente todos os nomes como entidades simples da linguagem. Esquecendo que a linguagem não funciona de fato desse modo, o *Tractatus* infere rigidez onde não há, trabalha sob uma base acerca do simples que é pouco explorada em suas últimas consequências. De todo modo, nos convém perguntar: em que sentido nos referimos ao simples?

A exploração sobre as considerações centrais do *Teeteto* continua no §48. Como o exemplo primitivo de §2, o autor nos fornece um novo jogo de linguagem tendo como pano de fundo a concepção platônica. Aqui, é posto em prática a tendência em considerar os simples e compostos. Os pontos centrais da concepção exposta no *Teeteto* concentram-se em duas ideias fundamentais, sendo elas: que para todos os elementos primitivos não há qualquer explicação; o em si e o por si só podem ser designados por nomes. Em suma, é impossível falar uma linguagem que explica qualquer destes elementos primitivos; só há denominação e só temos os nomes desses elementos. Para esmiuçar esta concepção, imaginemos o exemplo de §48, isto é, o autor nos dá uma figura com nove quadrados ordenados, com as cores vermelho, azul, branco e preto sendo representados por “V”, “A”, “B” e “P”, respectivamente. Uma frase é dita, “VVPAAVBB” e podemos visualizar a figura do seguinte modo:

**Figura 2** - exemplo usado por Wittgenstein para representar a concepção platônica de linguagem.



Fonte: *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1979, p. 30)

Desse modo, a figura exposta por Wittgenstein contém quatro elementos ou nove elementos? E, de maneira análoga, a frase “VVPAAAVBB” constitui-se de quatro ou de nove letras? Evidentemente, podemos considerar cada um dos quadrados como “simples”, ou, sendo igualmente possível, considerar a sequência de cores como “simples”. Por fim, como analisado no §49, devemos ter em mente em que sentido queremos dizer sobre o “simples” e sobre o “composto”, não tendo qualquer sentido em esperar encontrar o absolutamente simples, nem o absolutamente composto. Aqui, “não é indiferente o que quer que digamos? Mesmo se evitamos mal-entendidos apenas no caso particular!” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 31). Inferir sobre o simples é indiferente, pois não diz exatamente o que isto quer dizer neste jogo de linguagem específico. Isso não quer dizer que seja um caso sem sentido, mas é apenas um modo de emprego das palavras “simples” e “composto” que seus usos não são especificamente justificados. Quanto à outra concepção de Platão, ou seja, para cada quadrado simples, o que significa dizer que não podemos descrevê-los e apenas nomeá-los? Na esteira do *Tractatus* (3.221), vemos que há uma superstição na filosofia da linguagem em considerar atividades mentais distintas: ora vemos o quadrado acima citado como uma palavra isolada, ora como uma representação, como algo que se passa em nossas mentes. Denominamos (etiquetamos) não só para termos em mente um objeto, mas para usá-lo em algum possível jogo de linguagem, como, por exemplo, para descrever algo. Aqui, o “denominar e descrever não se encontram na verdade num único nível: o denominar é uma preparação para a descrição. O denominar não é ainda nenhum lance no jogo de linguagem, - tão pouco quanto o colocar uma figura de xadrez no lugar é um lance no jogo de xadrez.” (WITTGENSTEIN,

1979, p. 31). Neste jogo de xadrez, ao colocar o rei em seu lugar específico, sendo ele um objeto único dentro do universo do tabuleiro, ainda não demos nenhum passo com esta peça, nos a situamos. É através desta justificativa que Wittgenstein sustenta que o denominar e o descrever não são de um único nível, neste processo eles não são excludentes. Desse modo, é estranho dizer que só podemos denominar o elemento primitivo (WITTGENSTEIN, 1979, p. 31). Segundo seu exemplo:

Mas se 'é palavra ou frase', depende da situação em que é pronunciada ou escrita. Por exemplo, se A deve descrever a B complexos de quadrados de cor e se usa aqui a palavra "V" sozinha, então poderemos dizer que a palavra é uma descrição - uma frase. Mas, se ele memoriza, por exemplo, as palavras e suas significações, ou se ensina a um outro o uso das palavras e as pronuncia durante o ensino ostensivo, então não diremos que elas aqui são frases. Nesta situação, a palavra "V", por exemplo, não é nenhuma descrição; denomina-se com ela um elemento - mas por isso seria estranho dizer aqui que se pode apenas denominar o elemento! Denominar e descrever não se encontram na verdade num único nível: o denominar é uma preparação para a descrição. O denominar não é ainda nenhum lance no jogo de linguagem, - tão pouco quanto o colocar uma figura de xadrez no lugar é um lance no jogo de xadrez. Pode-se dizer: ao se denominar uma coisa, nada está ainda feito. Ela não tem nome, a não ser no jogo. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 31).

Portanto, os dois processos são diferentes, um é a preparação para o outro, “se é palavra ou frase” vai depender de qual etapa está ocorrendo um determinado jogo de linguagem. De todo modo, estes elementos primitivos não têm de fato um nome fixo, a não ser no jogo em que está inserido, isto é, a regra é quem nos diz o que é “simples”. E quais são os casos em que dizemos que um jogo é jogado de acordo com uma regra determinada? Segundo o §54, a regra pode ser um auxílio no jogo; uma ferramenta do próprio jogo; também aprendemos a regra vendo os outros jogarem (por observação). E para distinguir uma jogada certa de uma errada? A resposta se encontra no comportamento dos jogadores (WITTGENSTEIN, 1979, p. 32), como quando o vendedor compreende a sentença do papel e entrega cinco maçãs vermelhas e não três maçãs verdes.

Diante destes conceitos podemos observar o modo pelo qual o Wittgenstein das *Investigações* enxerga os objetos simples do *Tractatus*, que em algum momento eram centrais em sua primeira filosofia. Suas objeções e rejeições quanto à ideia de que há entidades simples em nossa linguagem que encontram-se no desmembramento de sentenças complexas até alcançar o “indestrutível” átomo de nossa linguagem, ficam ressaltadas neste momento. Em via de conclusão, cabe ressaltar as seções que findam a centralidade do debate. Em §55, vemos que considerar o “indestrutível” é acreditar em um estado no qual tudo o que é destrutível está destruído, e que se não há portador do nome a palavra não tem significado. Isto é “cortar o galho no qual estou sentado” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 34), é aleijar os

diversos modos de significação. A conclusão de Wittgenstein é de que aquilo que corresponde ao nome é um paradigma que é usado no jogo de linguagem em conformidade com o nome (WITTGENSTEIN, 1979, p. 34). Em uma mesma sentença não podemos dizer que, em um pedaço de papel, ao se rasgar a cor vermelha morre a significação e a vermelhidão passa a não mais existir; ou se esquecemos de uma cor e não conseguimos correspondê-la em um certo jogo não diríamos que morre sua significação, o nome aqui é um paradigma. Tampouco falo de entidades simples como quando, ao pedir que me alcancem uma vassoura, digo “traga-me o cabo que está enfiado no esfregão que por sua vez, juntos, são compostos de madeira e plástico”, e por que chamamos isto de uma sentença “mais analisada”? (WITTGENSTEIN, 1979, p. 36). No uso da linguagem cotidiana isto seria desnecessário, pois o jogo no qual está inserida já indica o modo como devemos agir.

São estas as respostas das *Investigações Filosóficas* às considerações sobre a filosofia do atomismo lógico, tendo como pano de fundo a prática da linguagem como atividade de vida. Vemos que a doutrina atomista da linguagem não se sustenta se levada às últimas consequências, e a riqueza de exemplos e modos de emprego ofertados até aqui exaltam as fragilidades de tal teoria.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As implicações da filosofia do segundo Wittgenstein reverberou logo após a sua morte, influenciando grandemente o giro pragmático e a escola de Oxford. John L. Austin desenvolve sua filosofia demonstrando as grandes influências wittgensteineanas presentes em seu trabalho, pensando sobretudo na prática da linguagem comum. A filosofia das *Investigações Filosóficas* abrange diversos domínios da linguagem e da mente, tendo um solo rico de problemas e conceitos para a filosofia que se seguiu. Mantendo seu legado filosófico em pé, o autor nos mostra que a atividade filosófica pode limpar os caminhos que a própria linguagem obstrui, ou até mesmo transfigura.

Ao contrapor a segunda obra com sua primeira (como pedido pelo próprio autor no prefácio das *Investigações*), podemos reconhecer inúmeras transformações no paradigma de linguagem. Vejamos inicialmente como isto se forma. Certo é que o *Tractatus* exibe uma intenção muito diferente, também se faz suficiente dentro do campo ontológico e metafísico da linguagem em que está inserido. Nesta pesquisa, no capítulo 2, apresentamos a ontologia que conecta a linguagem com o mundo por meio dos objetos simples. Em intenção conclusiva, recapitulemos seus principais pontos para entendermos a sua segunda obra.

Em resumo, sabemos que o objeto é simples (*TLP 2.02*) e que “todo o enunciado sobre complexos pode-se decompor em um enunciado sobre as partes constituintes desses complexos e nas proposições que os descrevem completamente” (*TLP 2.0201*). Desta forma se mostra o atomismo lógico do *Tractatus*, ao desmembrarmos as proposições complexas inevitavelmente chegaremos às entidades mais simples da linguagem, em seus “átomos”. Estas entidades são indestrutíveis e se constituem como a substância do mundo: “Os objetos constituem a substância do mundo. Por isso não podem ser decompostos. (*TLP 2.021*)”. Estes objetos possuem qualidades: “Espaço, tempo e cor (ser colorido) são formas dos objetos.” (*TLP 2.0251*). São eles mesmos as entidades fixas do mundo, na qual tudo persiste, isto é, “o fixo, o subsistente e o objeto são um só.” (*TLP 2.027*). Quanto às suas aparições em estados de coisas, o objeto se mostra de forma variável, podendo ora estar de um modo e ora estar de outro: “O objeto é fixo, subsistente; a configuração é variável, instável.” (*TLP 2.0271*), segundo sua forma lógica. Juntos, os objetos formam o estado de coisas, que, como já vimos: “A configuração do objeto constitui o estado de coisas.” (*TLP 2.0272*). E também: “No estado de coisas os objetos se concatenam, como os elos de uma corrente.” (*TLP 2.03*). Sendo, em última instância, “A totalidade dos estados existentes de coisas é o mundo.” (*TLP 2.04*). A existência de cada estado de coisas é o mundo, e: “A existência e inexistência de estados de coisas é a realidade (À existência de estados de coisas, chamamos também um fato positivo; à inexistência, um fato negativo).” (*TLP 2.06*). Desta forma, se as coisas estão de certa forma no mundo, chamamos de um fato positivo; se caso não estão chamamos de um fato negativo, pois poderiam estar de alguma outra forma, segunda a forma lógica implícita no próprio objeto, possibilitando seus arranjos na realidade. E como estes objetos simples se conectam na linguagem? Aqui: “O nome substitui, na proposição, o objeto.” (*TLP 3.22*), e também: “Os objetos, só posso nomeá-los. Sinais substituem-nos.” (*TLP 3.221*). Desse modo, os nomes substituem cada objeto simples e por fim montam frases mais complexas, que versam sobre o estados de coisas. Na linguagem, a totalidade do mundo só poderia ser uma grande tabela de verdade que indicaria, em todas as suas linhas, todos os arranjos e rearranjos possíveis dos objetos em estados de coisas, em fatos positivos e em fatos negativos, compondo a realidade e indicando a existência e inexistência das ligações entre objetos simples. E, por fim, para compreendermos como a linguagem interage com o mundo, devemos entender a figuração enquanto modelo da realidade (*TLP 2.12*), pois figuramos os fatos (*TLP 2.1*), e, do mesmo modo, “a figuração representa a situação no espaço lógico, a existência e inexistência de estados de coisas.” (*TLP 2.11*). Como em 3.22, “os elementos da figuração substituem nela os objetos”. (*TLP 2.131*) E, por último, para saber se uma figuração é verdadeira ou falsa, basta

compará-la com a realidade (*TLP* 2.223). É deste modo, de maneira resumida, que o *Tractatus* compreende a linguagem, o nome e o objeto nomeado, os critérios de verdade como correspondência, a linguagem como figuração e do que se pode ser falado, parte que se desenvolve mais concretamente no desenrolar do livro.

Quanto à sua segunda obra, não só é uma escrita diferente como também se trata de um novo paradigma de linguagem, que se evidencia ao compararmos com sua primeira visão. Tendo em vista as seções aqui tratadas, vejamos, de início, a visão agostiniana. Ela não só está se referindo ao *Tractatus* ou a Agostinho, mas está sendo usada como um modelo de linguagem que há muito tempo foi respeitado, é contra ele que o segundo Wittgenstein está debatendo. Ao se referir a este modelo, o autor está nos mostrando que esta concepção enxerga a linguagem como uma coisa só, dentro de um tipo de holismo, isto é, que trata de toda e qualquer linguagem, independente de seu tipo. Em uma primeira vista, podemos notar a riqueza de exemplos e práticas de linguagem que as *Investigações* nos ofertou, dando mais relevância às práticas da linguagem do que ao seu formalismo, a sua gramática ou, até mesmo, a sua lógica. A sua inclinação ao cotidiano muda todo o escopo da obra, garantindo um mundo muito maior de problemáticas antes ignoradas.

Durante a primeira parte do livro, o autor demonstra que o modelo de linguagem agostiniano é simplista, também obscure outros usos da linguagem. Nesta linha, segundo Grayling:

O *Tractatus* negligencia totalmente a grande variedade da linguagem sobre a qual Wittgenstein insiste em sua filosofia posterior; e isso permite aceitar a teoria do *Tractatus* apenas para um pequeno fragmento da linguagem. Contudo, mesmo no caso desse fragmento - as proposições expressas por sentenças declarativas - Wittgenstein passou a rejeitar a tese do *Tractatus*, pois segundo ela o vínculo último entre palavra e mundo é a relação de denotação, em que o significado de um nome é o objeto denotado por ele. [...] Wittgenstein abre as *Investigações Filosóficas* com uma ampla refutação dela. Desse modo, a teoria da linguagem do *Tractatus*, como o próprio Wittgenstein chegou a argumentar, é simplista e deturpada, devendo portanto ser rejeitada. (GRAYLING, 2002, p. 71)

O *Tractatus* pensa em um uso restrito da linguagem, em algo específico que acaba por ser excludente. Seguindo a pretensão do segundo livro, rejeitamos aqui este modo unitário de encarar a linguagem, dado que, pelo investigado até aqui, a segunda fase de Wittgenstein se mostra mais coerente e flexível, acompanhando o movimento da linguagem e seus inúmeros usos no cotidiano, onde a linguagem de fato está. Todas as asserções do *Tractatus* citadas acima devem ter um olhar de desconfiança, visto que não englobam os diversos usos de linguagem. Por mais que o livro pretenda dar cabo de toda a linguagem, a intenção ambiciosa do primeiro Wittgenstein obtém algum sucesso apenas em uma pequena parte do todo da

linguagem. Esta intenção vê apenas o uso denotativo de linguagem e do mundo, o uso como as relações entre pensamento, linguagem e mundo, sendo a única forma de enxergar essa relação. Assim, em §96 encontramos:

O pensamento, a linguagem aparecem-nos como o único correlato, a única imagem do mundo. Os conceitos: proposição, linguagem, pensamento, mundo estão uns após os outros numa série, cada um equivalendo ao outro. (Mas para que são usadas essas palavras? Falta o jogo de linguagem no qual devem ser empregadas.) (WITTGENSTEIN, 1979, p. 51).

O jogo de linguagem é uma grande inovação no pensamento do segundo livro, podendo nortear os diversos usos de palavras em diversos contextos. Sendo cada linguagem uma parte de uma atividade ou forma de vida, o jogar da linguagem encaixa-se perfeitamente na multiplicidade de casos, apontando sua significação. No caso da citação acima, visa-se também Russell e Frege, a herança dos dois filósofos é indissociável à primeira obra. Desse modo, “pensamento”, “linguagem” e “mundo” não são universalizantes, dependem do contexto de emprego de cada conceito, das regras do jogo de linguagem em que se encaixam, para, assim, demonstrar seu significado.

De maneira breve, identificamos que não há um modo universalmente designativo na linguagem, o exemplo do comerciante e dos construtores, sobretudo o que se segue deles, evidencia que para cada caso particular em nossa linguagem há um jogo com regras implícitas a serem seguidas. Sabemos que certo falante compreendeu o uso tendo em vista sua ação dentro do jogar da linguagem, sabemos que não compreendeu quando sua ação é diferente do que esperamos, e corrigimos explicitando as regras a serem seguidas. Também podemos apontar para algo e proferir um nome, colar uma etiqueta na superfície do objeto e nomear, podemos pensar em diversos jogos de linguagens onde há relações diferentes do que apenas a via direta entre nome e objeto. Quanto à ideia de que há objetos simples que possuem nomes que substituem estes objetos na linguagem, não explica exatamente o funcionamento da mesma, como no caso da morte do Sr N. N. A significação que é o indivíduo morto ainda é válida, ainda funciona, do contrário a "significação" é usada incorretamente, quando se designa com ela algo que “corresponde” à palavra. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 27). Esta objeção junto com a crítica da tendência de buscar o simples e o composto, são cruciais para a constituição do novo caráter filosófico e enterra por vez a filosofia do atomismo lógico. Como já explorado, a citação do *Teeteto* nos mostra ainda mais o modelo de linguagem que as *Investigações* visam derrubar. Não há o absolutamente simples nem o absolutamente composto, pois, se caso fosse, falaríamos de objetos descrevendo todas as partes ainda mais simples que o constituem, o que não seria de todo modo prático, objetivo, mas sim nos

deixaria em completa confusão. A conclusão mostrada aqui é que “simples” e “composto” nos é indicado pela regra do jogo de linguagem em que estão incluídos, tendo seu significado no uso que fazemos dessas palavras.

A pesquisa em questão nos mostrou o caráter dos dois livros de Wittgenstein, seus contextos e filosofias, tendo como foco principal a primeira parte das duas obras. Há outras leituras que poderiam nos auxiliar, como o caso do artigo de transição de 1929: *Algumas Observações Sobre a Forma Lógica*, ou *A Filosofia do Atomismo Lógico* de Russell e os livros azul e marrom de Wittgenstein (*Blue and Brown Books*). Porém, ao se tratar de uma monografia, o visado aqui é uma pesquisa mais modesta, sem fugir muito do escopo dos dois livros. Há diversas polêmicas entre um Wittgenstein e outro, quando pensando no contexto aqui explorado, vemos que o primeiro autor tem por base uma ontologia da linguagem, já o segundo demonstra uma base pragmática, concreta, fisicalista. O que poderia vir a ser explorado, além do restante dos dois livros ricos em problemáticas, é o debate se o filósofo realmente deixa de se comprometer com algum tipo de metafísica. De todo modo, Wittgenstein nos dá em sua filosofia uma maneira de compreender o uso e a significação das palavras, sem as quais não poderíamos filosofar corretamente. Nos ensina a hesitar antes mesmo de considerar qualquer teoria ou argumento, sem antes observar suas implicações na linguagem, no contexto. Em outras palavras, a atitude filosófica ainda é muito bem preservada e explorada, principalmente em sua segunda obra contrapondo com sua primeira. Vemos aqui que os objetos simples não se sustentam em última análise, e, assim, explorar isto também é ver o abandono do atomismo lógico e sua nova forma de se fazer filosofia, presente nas *Investigações Filosóficas*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSOLS, Alejandro Tomasini. **A Presença de Russell no Pensamento de Wittgenstein**. In: *Tractatus 100 Revisando a Obra de Wittgenstein*. Florianópolis: Editora UFSC, 2023.
- BRANQUINHO, João. **Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- BRUNI, José Carlos. *Vida e Obra*. in: **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1979.
- DALL'AGNOL, Darlei. *A Vida e a Obra de Ludwig Wittgenstein*. In: **Wittgenstein em Retrospectiva**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Filosofia da Linguagem**: Introdução Crítica à Semântica Filosófica. Florianópolis: Editora UFSC, 2º ed, 2017.
- FREGE, Gottlob. *Sobre o Sentido e a Referência*. in: **Lógica e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, p. 129 - 158, 2009.
- GRAYLING, Anthony Clifford. **Wittgenstein**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.
- HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a Filosofia Austríaca**: Questões. São Paulo: Editora USP, 1990.
- HACKER, Peter Michael Stephan; BAKER, Gordon Park. **Wittgenstein**: Understanding and Meaning. Oxford: Blackwell, 2005.
- HEGENBERG, Leonidas. **Dicionário de Lógica**. São Paulo: Editora EPU, 1995.
- HINTIKKA, Merrill. B; \_\_\_\_\_, Jaakko. **Uma Investigação Sobre Wittgenstein**. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- KENNY, Anthony. **Wittgenstein**. Madrid: Editora Alianza Universidad, 1995.
- MARQUES, Edgar. **Wittgenstein & o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.
- MOUNCE, Howard Owen. **O Tractatus de Wittgenstein**: Uma Introdução. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia, 2021.
- MOREIRA, Jorge Henrique Lima. *Wittgenstein: A Superação do Atomismo Lógico*. Fortaleza: **Revista de Filosofia Argumentos**, n. 3, ano 2, p. 89-93, 2010.
- MORRIS, Michael. **An Introduction to Philosophy of Language**, Cambridge: Cambridge University Press, New York, 2007.
- MORTARI, Cezar augusto. **Introdução à Lógica**. São Paulo: Editora Unesp, 2º ed., 2016.

RUSSELL, Bertrand. **A Filosofia do Atomismo Lógico**. In: Coleção Os Pensadores, vol. XLII. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SANZ, Héctor Martínez. Nociónes de Atomismo Lógico: Wittgenstein y Russell. **A Parte Rei**, n 51, p.1 - 18, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Algumas observações sobre a forma lógica**. Tradução: LIMA, Eduardo Coutinho Lourenço de. Aristotelian Society, 2012. Disponível em: <<http://phi.pro.br/trad/wittgenstein.pdf>> Acesso em: 04 de agosto de 2023.

\_\_\_\_\_. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1979.

\_\_\_\_\_. **Tractatus Lógico-Philosophicus**. São Paulo: Editora USP, 3ª ed., 2020.